



Universidade de Brasília/UnB
Instituto de Ciências Humanas/IH
Departamento de Serviço Social/SER

Discente: **Ciro Santana Mendes**

Matrícula: 14/0174583

**A PERSONIFICAÇÃO DO DESEMPREGO:
O PAPEL DA MÍDIA HEGEMÔNICA NA PERCEPÇÃO NEGATIVA DO
SEGUNDO MANDATO PRESIDENCIAL DE DILMA ROUSSEFF**

Brasília

2017

Ciro Santana Mendes

**A PERSONIFICAÇÃO DO DESEMPREGO:
O PAPEL DA MÍDIA HEGEMÔNICA NA PERCEPÇÃO NEGATIVA DO
SEGUNDO MANDATO PRESIDENCIAL DE DILMA ROUSSEFF**

Pesquisa apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial à aprovação sob orientação acadêmica da Prof^a Dr^a Silvia Cristina Yannoulas.

Brasília

2017

CIRO SANTANA MENDES

**A PERSONIFICAÇÃO DO DESEMPREGO:
O PAPEL DA MÍDIA HEGEMÔNICA NA PERCEPÇÃO
NEGATIVA DO SEGUNDO MANDATO PRESIDENCIAL DE
DILMA ROUSSEFF**

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Silvia Cristina Yannoulas

Orientadora (Departamento de Serviço Social da Universidade de
Brasília)

Profa. Dra. Miriam de Souza Leão Albuquerque

Examinadora (Departamento de Serviço Social da Universidade
de Brasília)

Profa. Dra. Kênia Augusta Figueiredo

Examinadora (Departamento de Serviço Social da Universidade
de Brasília)

Brasília, _____ de _____ de 2017.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso de graduação em Serviço Social analisa o papel da mídia hegemônica na configuração do processo de impeachment do segundo mandato de Dilma Rousseff, enfatizando a grande mídia como aparelho ideológico de hegemonia da classe burguesa. A pesquisa foi realizada por meio de análise documental de conteúdo de matérias de jornais publicadas através dos periódicos *Folha de São Paulo* e *O Globo*, em que abordassem a temática do emprego-desemprego. Como resultado da análise, foi dividido o conjunto de matérias em três períodos distintos de acordo com os processos que permearam o contexto de ruptura democrática no período de Março a Agosto de 2016: 1. Período que antecedeu instauração do processo de impeachment de Dilma Rousseff pela Câmara dos Deputados; 2. Período que antecedeu a abertura do processo no Senado; 3. Período que antecedeu a votação pelo impeachment de Dilma Rousseff no Senado. Dessa forma, foi possível compreender a capacidade de influência da mídia hegemônica no processo de decisão política, e identificar seu comportamento através da análise do conteúdo durante os três períodos expostos.

Palavras-chave: desemprego; impeachment; reforma trabalhista; reforma previdenciária; ruptura democrática; golpe; mídia hegemônica

ABSTRACT

This final course assignment monograph in Social Work analyses the role of the hegemonic media in the configuration of the impeachment process of Dilma Rousseff's second term, emphasizing the great media as an ideological apparatus of hegemony of the bourgeois class. The research was carried out through documentary analysis of content of newspaper articles published through periodicals as *Folha de São Paulo* and *O Globo*, in which the issue of employment-unemployment was discussed. As a result of the analysis, the set of subjects was divided into three distinct periods according to the processes that permeated the context of democratic rupture in the period from March to August 2016: 1. The period preceding the initiation of the impeachment process of Dilma Rousseff By the Chamber of Deputies; 2. Period prior to the opening of the process in the Senate; 3. Period before the vote for the impeachment of Dilma Rousseff in the Senate. In this way, it was possible to understand the influence of hegemonic media in the political decision process, and to identify its behavior through content analysis during the three periods exposed.

Keywords: unemployment; impeachment; labor reform; social security reform; democratic breakdown; coup; hegemonic media

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANJ – Associação Nacional de Jornais

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

CNAS – Conselho Nacional de Assistência Social

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social

CR-P – Cenário de Representação da Política

DEM – Democratas

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

DRU – Desvinculação de Receitas da União

FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PEA – População Economicamente Ativa

PIB – Produto Interno Bruto

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

Psol – Partido Socialismo e Liberdade

PT – Partido dos Trabalhadores

PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

STF – Supremo Tribunal Federal

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

SUS – Sistema Único de Saúde

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2. METODOLOGIA.....	23
3. O PAPEL (DES)INFORMADOR DA MÍDIA HEGEMÔNICA E A RUPTURA DEMOCRÁTICA.....	28
4. ANÁLISE DOS DADOS	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
ANEXO I	67

INTRODUÇÃO

No ano de 2016, o Brasil passou por um período de crise política e econômica que culminou numa ruptura democrática caracterizada por um Estado de exceção, denominado de impeachment. Entretanto, desde 2014 o país já passava por um período de instabilidade econômica e uma cisão política, que se apresentou, principalmente, nas urnas eleitorais. O Partido dos Trabalhadores – PT foi contemplado pela quarta vez consecutiva para governar o poder executivo, com Dilma Rousseff assumindo seu segundo mandato no mais alto cargo político do sistema republicano democrático, o que causou reboição para parte das elites brasileiras que não aceitaram facilmente a disputa acirrada entre os dois candidatos. O candidato perdedor, Aécio Neves do PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira, chegou a recorrer a decisão na justiça, mas não conseguiu impedir a eleição democrática.

Nos anos seguintes, o plano de governo adotado por Dilma Rousseff não agradou ao seu eleitorado. Jinkings (2016. p. 12) enfatiza que após fechada as urnas em 2014, o governo já “abandonou suas promessas de campanha e adotou o programa de seu oponente, Aécio Neves (...)”, afastando a base social tradicional do governo do PT, e fomentando a crescente ofensiva da direita, com apoio da grande mídia para desmoralizar o governo. A situação de vulnerabilidade advinda do agravamento do quadro econômico rachou a coligação do PT com o PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro, e dessa forma, o próprio partido foi minando sua derrocada por meio de suas alianças. Mas tudo isso não seria possível sem o apoio das elites brasileiras, com o total controle da grande mídia, e de outros aparelhos privados de hegemonia, formadores de opinião pública.

Assim como o golpe de 1964 que não ocorreu sem o apoio da grande mídia, que na época normatizou o golpe militar de “Revolução” (JINKINGS, 2016), o que ocorreu no Brasil em 2016 foi um golpe de Estado, dissimuladamente tratado como impeachment pela mídia hegemônica e pelos partidos políticos de oposição, que conseguiram fazer ecoar nas ruas gritos de “impeachment já”, através de uma articulação política e midiática, com setores da sociedade civil que resultou na ruptura do Estado democrático brasileiro. Os meios de comunicação tiveram papel fundamental,

principalmente com o advento das redes sociais e o recente papel da internet na configuração política da contemporaneidade¹

Essa pesquisa procurou identificar qual foi o papel da mídia hegemônica durante a ruptura democrática na formação de opinião pública, na medida em que seu posicionamento é fundamental para manutenção do *status quo*. Teria continuado o golpe sem o apoio da mídia hegemônica e seus artifícios? Capazes de manipular dados e apresentar opinião formada sobre determinados assuntos como desemprego, inflação, recessão, golpe, impeachment, apresentando *senso comum* a sua maneira.

A **hipótese** deste trabalho é de que a grande mídia, retratada nesse trabalho pela *Folha de São Paulo* e pelo *O Globo*, apresenta seu retrato da realidade que “espelha” o senso comum, ou a opinião pública. São instituições que se mesclam entre o público e o privado, em que a opinião pública se confunde com a opinião privada das grandes empresas de comunicação e de outros segmentos privados da sociedade civil, revelando a existência de interesses contrastantes, em que visões de mundo privados corporativistas se misturam com interesses de ordem pública.

Não existem limites para a atuação da mídia hegemônica. O que existe são interesses, que podem ser partilhados ou conflitivos. O que é necessário considerar aqui é o posicionamento da mídia hegemônica contrário ao segundo mandato do governo Dilma, como forma de ofuscar suas decisões político-econômicas e culpabilizar este pela situação de crise alarmante que se vive no país desde meados de 2012. Utilizando-se de dados sobre o desemprego, categoria fundamental no processo de acumulação capitalista, buscou enfraquecer o governo na medida em que a ruptura democrática ia se consolidando e tomando corpo em outros aparelhos da sociedade.

De acordo com Figueiredo (2016b), as comunicações aparecem como um dos setores de maior concentração econômica no país. A autora enfatiza que os grandes conglomerados empresariais de comunicação “encontraram no Brasil condições promissoras, decorrentes da frágil legislação, que ainda não delimita e/ou limita a concentração de propriedade” (FIGUEIREDO, 2016b. p. 82).

Os dois jornais escolhidos representam fortunas, principalmente o Grupo Globo, de acordo com sítio de notícias *Forbes Brasil* que coloca os três filhos de Roberto

¹ Ver Castells (1999) *O Poder da Identidade*

Marinho na 6 posição de maiores bilionários do Brasil em 2016². Portanto essa grande mídia possui classe, raça, endereço. E mora bem longe da realidade das classes subalternizadas, que, ao dizer de Figueiredo (2016a, 2016b) que enfatiza a comunicação como um direito fundamental, são silenciadas nos periódicos, sem local de fala, sem a liberdade de expressão garantida, como é garantida na sua plenitude para as classes dominantes.

Se a construção da hegemonia depende, como detalhou o filósofo italiano Antonio Gramsci, da combinação entre coerção, portanto uso da força, e consenso, era – e tem sido – fundamental produzir sentidos comuns sobre os fatos e, inclusive acerca das possíveis saídas que deveriam ser adotadas. Isso foi feito através de enquadramentos favoráveis aos protestos em defesa do impeachment; exclusão do contraditório da cobertura jornalística dos principais veículos de comunicação; repetição incessante de argumentos e outros mecanismos de manipulação (MARTINS, 2016. p.1)

O papel da mídia de (des)informar, apresentando dados a sua maneira, revestida de interesses privados que dizem respeito, principalmente, a reprodução de uma ideologia dominante, a conservação da ordem e de suas propriedades, é imprescindível para a dinâmica capitalista contemporânea e tem amplos poderes na construção da agenda política do Estado burguês, bem como na construção da opinião pública das classes subalternizadas. Personificando uma manifestação da questão social³ que se agravou no país neste período, através de matérias jornalísticas que enfatizam o desemprego, e culpabilizam o poder público, se utilizando de dados oficiais de maneira parcial capaz de contribuir assim para a formação de uma opinião pró-impeachment.

Importante salientar que no Brasil é uma prática comum ter rádios, emissoras de TV relacionado a políticos titulares de mandato eletivo, o que reforça o monopólio da informação e dos mecanismos de manipulação pela classe dominante. Moura (2016) apresenta o perfil de 40 parlamentares ligados diretamente a veículos de comunicação como proprietários, sócios ou associados. Esses mesmos são alvos de uma ação protocolada no Supremo Tribunal Federal – STF pelo Partido Socialismo e Liberdade – Psol, com apoio do Intervozes, que questiona a constitucionalidade da participação de

² Disponível *online*; ver Lurdete Ertel, “70 maiores bilionários do Brasil em 2016”, *Forbes Brasil*. 29 ago. 2016

³ Expressão que surge para dar conta dos fenômenos de pauperização resultantes da primeira onda industrializante, mais evidentes na história da Europa Ocidental (NETTO, 2001), mas que se alastrou para todas nações capitalistas do globo.

“O desenvolvimento capitalista produz, compulsoriamente, a ‘questão social’ – diferentes estágios capitalistas produzem diferentes manifestações da ‘questão social’”(NETTO, 2001. p. 44)

políticos em cumprimento de seu mandato como sócios de empresas de radiodifusão. Essa prática produz uma enorme deformidade do regime democrático, como traz Suzy dos Santos, professora da UFRJ e coordenadora do projeto “Coronelismo eletrônico: as concessões na história da política nacional” (MOURA, 2016). Mesmo sendo uma prática restrita para parlamentares como descrita no art. 54 da Constituição Federal de 1988, que não permite que políticos sejam donos de mídias, os envolvidos continuam ilesos sem punições, como já acontece a longo prazo no Brasil.

Justificativa

A reestruturação produtiva do capital traz consigo particularidades que precisam ser compreendidas a luz da realidade social, dinâmica e contraditória da sociedade moderna. As transformações societárias acompanhadas dessa nova jornada capitalista são profundas, e tendem ao regresso no que tange as conquistas e lutas sociais da classe trabalhadora e principalmente os direitos sociais, trabalhistas e previdenciários, e as condições de trabalho respectivamente. Como já elucidaram Alves e Antunes (2004), essas mutações no mundo do trabalho oriundas deste novo plano capitalista moldado pela reestruturação econômica e produtiva do capital representam transformações na classe trabalhadora, que se complexifica e se torna cada vez mais heterogênea e fragmentada, com a introdução de novos modelos de produção, gestão, organização no mundo do trabalho, o que acaba por modificar ainda mais as manifestações da questão social. As propostas para o enfrentamento da questão social são cada vez mais imediatas, focalizadas e há uma naturalização espontânea da questão de classe, com reforço da coerção do Estado, em detrimento de um consenso necessário para o regime democrático.

Justamente estes novos determinantes da questão social, estritamente ligados a reestruturação produtiva atingem diretamente e indiretamente a profissão do Assistente Social, que tem como seu objeto de intervenção profissional o enfrentamento da questão social e suas expressões. O mundo do trabalho possui características imanentes, que se agravam em períodos de crise, e que devem ser analisados criticamente pelos profissionais que atuam nesse conflito entre capital-trabalho, produto das relações sociais desta sociedade.

No curso de Serviço Social da Universidade de Brasília – UnB, através da biblioteca digital de monografias da UnB, fora encontrado apenas um trabalho com um tema de pesquisa semelhante, em que abordava a mídia hegemônica como formadora de opinião, e seu papel ideologizante. Entretanto, o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC de CASTRO (2010) buscou enfatizar questões distintas do objetivo aqui proposto, visto que o próprio título do trabalho apresenta convergências e divergências: *Criminalização da pobreza: mídia e propagação de uma ideologia higienista de proteção social aos pobres*.

Outras pesquisas semelhantes apresentam uma análise das matérias jornalísticas dos mesmos veículos que serão estudados nesse TCC, mas uma parte se ateve a detalhes técnicos, no que concerne a fonte das informações, a abordagem rasa, ou mais aprofundada sobre determinado tema. Como é o caso da pesquisa de RESENDE (2012), da faculdade de Relações Internacionais da UnB, em que apresenta o título *Mídia e Relações Internacionais: A divulgação da primavera árabe em sites de notícia brasileiros*.

Diferentemente das pesquisas de TCC encontradas na UnB que também tratam a respeito da mídia como um instrumento de mudanças, esse trabalho busca fornecer um posicionamento contra-hegemônico, que a partir do conhecimento apresentado, possa representar os interesses das classes trabalhadoras, na medida em que enfatiza a grande mídia como um aparelho privado de hegemonia das classes detentoras dos meios de produção, que atuam na perpetuação do *status quo* através do monopólio dos canais de produção e reprodução de opinião pública. O TCC de VILELA (2013), do departamento de Comunicação Social da UnB, apresenta uma peculiaridade, semelhante, em que busca, construir um canal de mídia contra-hegemônico, partilhando da mesma retórica de que a mídia não é neutra, e que o único modo de desconstruir essa hegemonia é fortificando e consolidando outros meios e canais de disseminação de ideias, capazes de superar essa estagnação.

Para além dos TCC's e pesquisas de alunos da UnB, foi possível encontrar pesquisas mais semelhantes ao tema aqui abordado, pesquisas que agregaram tanto conhecimento teórico, como prático, no sentido de instruir metodologicamente na construção dos dados sobre mídia e desemprego. O primeiro, de maior relevância para este TCC, se intitula *Mídia, Poder e Democracia*. Um artigo escrito por Fonseca (2011),

cientista político, professor da PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que aborda, com precisão, a mídia como uma forma de poder. O autor chega a chamar de 4º poder em referência aos três poderes da democracia republicana moderna, e apresenta o seu papel significativo na formação de pautas públicas e agenda governamental, capaz de influenciar a opinião pública e o processo de decisão política. O autor partilha do conceito de hegemonia em Gramsci, e adota o conceito de aparelho privado de hegemonia para definir a atuação político-ideológica da mídia na sociedade capitalista contemporânea.

O autor analisou o posicionamento da mídia hegemônica perante a constituinte de 1986, mais especificamente a certas legislações trabalhistas, apresentou matérias publicadas no período pelos periódicos *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Folha de SP*, *O Estadão*, dois dos jornais aqui utilizados, e classificou algumas das matérias em teses, para expor ao leitor as maneiras que a mídia hegemônica, de modo consensual, reagiu sobre os direitos sociais e trabalhistas que estavam sendo discutidos naquele momento.

Apresentam um discurso falacioso, que descaracteriza os direitos como uma conquista, os colocando na posição de atraso social. Como se os novos direitos fossem prejudicar a ação do livre mercado, consequentemente, aumentando o número de desempregados por não estimular a produção mercantil capitalista, e perpetuar um Estado “paternalista”. Sendo que muito do que se demonizava nessas mídias, eram lutas históricas dos trabalhadores, e conquistas inigualáveis no Brasil, como diminuição da jornada de trabalho, ampliação da licença maternidade, a licença paternidade, o aumento do valor da hora-extra, dentre outras.

Um outro artigo, escrito LIMA (1994), professor aposentado do departamento de Ciência Política e Comunicação da UnB, traz o título *Os mídia e o cenário de representação política*. O autor busca, compreender a dinâmica da nova realidade, no Brasil, com o reconhecimento dos *mídia* como objeto fundamental de análise para a compreensão do poder político no mundo contemporâneo. Dessa maneira, intitula o conceito “Cenário de Representação da Política – CR-P” e busca romper com certos paradigmas tradicionais da pesquisa entre mídia e política, trazendo, sobretudo, o conceito de hegemonia em Gramsci.

Portanto, muitos desses estudos e pesquisas mostram que a grande mídia possui um poder transformador a depender da correlação de forças de determinado contexto

histórico. Entretanto, como apontado por Figueiredo (2016a, 2016b) poucos enfatizam a parcialidade e, consequentemente a influência que esses canais de informação possuem na formação de opinião pública, e principalmente na implementação de agenda política, como no caso da ruptura democrática aqui estudada. Mostrando uma visão parcial, excludente e hegemônica, que não permitiu a liberdade de expressão das classes subalternizadas. Por isso a importância de aprofundar estudos sobre instituição mídia e a sua relação com o público do Serviço Social.

Objetivo Geral

O objetivo geral dessa pesquisa propôs compreender o lugar da mídia hegemônica na formação de opinião, no período em que se passou o “rito” de impeachment, para analisar uma possível mudança de conduta na abordagem jornalística nos diversos contextos que marcaram essa etapa da política brasileira, tendo como primazia matérias que tratassem o tema do emprego-desemprego.

Objetivos Específicos

Os objetivos específicos se dividiram em dois pontos centrais para o desenvolvimento teórico-metodológico da pesquisa:

- Identificar, através de periódicos e publicações de jornais de fontes como *O Globo* e *Folha de São Paulo* a maneira em que o desemprego é apresentado, utilizando dados estatísticos de maneira parcial e intencionada, no período da processualidade do impeachment (Março de 2016 a Agosto de 2016)
- Comparar o tratamento direcionado ao governo federal brasileiro realizado pela mídia hegemônica entre o período marcado pelo “rito” de impeachment, a partir de noticiários que abordem a temática do desemprego

O TCC está estruturado em Referencial Teórico, Metodologia, dois capítulos centrais capazes de sintetizarem os resultados da análise documental realizada, além das considerações finais, referências bibliográficas e anexo. O primeiro capítulo, Referencial Teórico, traz o significado de conceitos e categorias importantes para

delimitar e definir o sentido deste TCC. Portanto, nele está contido algumas observações importantes sobre a categoria desemprego, bem como algumas definições sobre o modo de produção capitalista, com base em MARX (2013) e GRAMSCI (2001; 2016) como a relação capital-trabalho, Estado ampliado, Hegemonia e aparelhos privados de hegemonia. O segundo capítulo aborda sobre a metodologia utilizada para realização do TCC, com uma explicação sobre como foram coletados, organizados e sistematizados os dados através da construção da matriz analítica exposta em formato de tabela incluída no Anexo I.

O terceiro capítulo, já na parte de resultados da pesquisa realizada, aborda o papel (des)informador da mídia hegemônica, apresentando referenciais que introduzem os meios de comunicação de massa como propulsores de informação e veículos formadores de opinião capazes de influir no processo de decisão da sociedade capitalista contemporânea. Versando principalmente com o processo de ruptura democrática denominado de impeachment.

Já o quarto capítulo traz uma análise dos dados coletados através da construção da tabela, exposta no Anexo I, em que os códigos utilizados para sistematizar o material exposto de acordo com seus conteúdos específicos e seu enquadramento qualitativo são apresentados. Nesse capítulo também incluímos uma comparação com outros autores que apresentam teses parecidas sobre o relacionamento da grande mídia com a sociedade civil e política, para sedimentar nossas análise e aumentar a confiabilidade dos resultados desta pesquisa.

Finalmente, nas considerações finais apresentamos as conclusões que esse TCC nos permitiu apreender da realidade estudada, enfatizando a necessidade de expor as contradições que permeiam o ambiente de produção midiática e os meios de comunicação, suas correlações de forças e seus objetivos na condução de matérias jornalísticas, parciais, capazes de influenciar na formação de opinião pública e no poder de decisão política da sociedade brasileira.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

- *Capital-trabalho e Desemprego*

A análise de Marx (2013) da lei geral da acumulação capitalista, que está no vigésimo terceiro capítulo de sua obra *O Capital* “revela a anatomia da questão social, sua complexidade, seu caráter de corolário (necessário) do desenvolvimento capitalista em todos os seus estágios” (NETTO, 2001. p. 45). É neste capítulo que o autor revela a relação elementar entre o binômio capital-trabalho e a questão social. O próprio desenvolvimento capitalista produz e reproduz a questão social, nos seus diferentes estágios.

A questão social, que surge no século XIX como um conceito, representa o antagonismo entre as principais classes da sociedade capitalista. O fato de o proletariado produzir os bens de consumo da sociedade, e a burguesia ser a detentora dos meios de produção e a classe que se apropria do excedente econômico produzido, gera um rol de mazelas para a classe trabalhadora, fundamentada na relação capital-trabalho, que se manifestam no desemprego, fome, violência, situação de rua, pobreza, miséria. A classe trabalhadora, desprovida dos meios de produção, tem de vender sua força de trabalho no mercado em troca de baixos salários e longas jornadas. Quando não possui um emprego, não consegue outras formas de se prover. Portanto, a propriedade privada dos meios de produção determina as relações sociais e a sociabilidade dessa sociedade. A posse ou não dos meios de produção estabelece qual a classe social do indivíduo e, através dessa posse, se estabelece a relação de exploração de uma classe sobre a outra.

Dentre as várias expressões da questão social, o desemprego se mostra como um fator determinante para a produção, bem como um “mal necessário” para a reprodução ampliada do capital. Em tempos de crise, em que se tem uma baixa nas taxas de lucro, aliada a um subconsumo por parte da sociedade, os representantes do grande capital encontram soluções para manter a taxa de lucro alta, nem que isso represente a demissão de todos os funcionários de um estabelecimento industrial, o que pode aprofundar ainda mais a crise. Na medida em que cresce o número de desempregados de uma determinada região, se tem uma baixa na capacidade de consumo dessa população, ou seja, levando ao próprio subconsumo originário da crise, e um ciclo vicioso de instabilidade econômica para as classes subalternizadas.

Na circulação ampliada do capital, o capitalista investe nos meios de produção, que são os insumos, maquinário para a produção de mercadorias, e investe no pagamento de salários e no trabalho vivo para operar os meios de produção. O que foi investido nos meios de produção se conserva o valor no preço da mercadoria, o que Marx (2013) denomina de capital constante. O que é investido no pagamento de salários se transforma em capital variável, na medida em que esse capital pode tomar um valor diferenciado no fim da produção, tanto maior quanto menor, a depender da quantidade de horas que excedem o valor da produção. Portanto, o trabalho vivo transformado em trabalho abstrato conserva o valor da produção e soma a mais-valia ao fim do processo.

Em períodos de crise como no contexto estudado por essa pesquisa, mudanças na composição orgânica do capital, o que impele a alocação de um volume maior de capital constante em relação ao capital variável, impulsionam maiores níveis de produtividade, ao mesmo tempo em que flexibilizam ainda mais os contratos de trabalho. Com isso traz um expressivo número de desempregos uma vez que introduzir capital constante significa substituir trabalho vivo por trabalho morto, fazendo com que parte do trabalho vivo seja trocado por esses novos materiais que vão compor o processo produtivo, como as novas tecnologias por exemplo. O trabalho vivo empregado de maneira reduzida produzirá mais do que antes, resultando em jornadas mais longas ou salários mais curtos.

Para o funcionamento da acumulação capitalista, como elucidou Marx (2013), é preciso que o capitalista tenha a sua disposição força de trabalho disponível para ser comprada e incluída no processo produtivo, e apenas esta, a partir do seu trabalho vivo excedente, pode gerar a mais-valia. O próprio modo de acumulação capitalista, quando inverte capital variável por capital constante acaba por formar uma superpopulação relativa, categorizada por Marx na obra *O Capital* como *exército industrial de reserva*. Além de servir ao capital como um exército de prontidão para o trabalho, esse assume outro papel importante na reprodução ampliada do capital, pois, a grosso modo, regula os movimentos gerais dos salários. Esses são regulados exclusivamente pela expansão e contração do exército industrial de reserva, que ora reduz, ora aumenta seu tamanho relativo, pelo grau de absorção e repulsão da classe trabalhadora (MARX, 2013).

Portanto, desemprego diz respeito a todo esse contingente populacional que habita a margem do processo produtivo, e que o retroalimenta com força de trabalho em

certos tempos, imprescindível para dar continuidade a reprodução dos meios de produção e do processo de exploração capitalista.

Importante considerar que o mesmo desemprego, assume diversas definições nos demais países capitalistas modernos. Essas definições buscam definir o desempregado como uma parcela restrita da população trabalhadora que não se encontra realizando atividade remunerada capaz de ser quantificada em dados percentuais. No Brasil, a definição mais popular e utilizada pelos meios jornalísticos em sua maior escala é a dada pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que considera a população desempregada parte da PEA – População Economicamente Ativa. “PEA é composta pelas pessoas de 10 a 65 anos de idade que foram classificadas como ocupadas ou desocupadas na semana de referência da pesquisa.” (IBGE, 2017a) em seu site. A taxa de desemprego se dá, então, através da percentagem de pessoas desocupadas, em relação a população economicamente ativa, sendo que essa população desocupada são pessoas que na semana de referência da pesquisa não tinham trabalho, mas que estavam dispostas a trabalhar e que, dessa forma “tomaram alguma providência efetiva (consultando pessoas, jornais, etc.)” (IBGE, 2017b). Essa composição dos dados acaba excluindo uma parcela da população em idade ativa mas que não se encontra como população desocupada, por não ter procurado emprego na semana da pesquisa, e ainda não lança um olhar mais profundo para aquela população que está subempregada em atividades bastante precarizadas, espaçadas e que mesmo assim busca um emprego. Entretanto esta definição foi precisa para compreender os dados extraídos das matérias jornalísticas, e dar sentido ao termo “desemprego”.

Todas as vezes que é citado pelos jornais, o significado do termo “desemprego” está subentendido pela regra utilizada pelo IBGE em suas estatísticas, especificamente. Mesmo havendo outras definições e pesquisas realizadas que medem a taxa de desemprego no país, como a definição dada pelo DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos em sua pesquisa que destaca a importância de:

[...] levar em consideração as particularidades históricas de cada país, uma vez que a dinâmica de seu mercado de trabalho apresenta características específicas e diferenciadas segundo se trate de países já industrializados ou de países em desenvolvimento.

[...] pode haver uma situação de desemprego mesmo quando o trabalhador, por necessidade de sobrevivência, está simultaneamente “procurando trabalho no período de referência” e “exercendo um trabalho ocasional.

[...] ampliar o período de referência para procura de trabalho (habitualmente uma semana). Nesse sentido, consegue captar aquela parcela dos trabalhadores desalentados, que, segundo critérios mais em uso, seria caracterizada como inativa quando, na realidade, se trata de um contingente desempregado (DIEESE, 2017 p. 2).

Os jornais preferem utilizar o dado produzido pelo IBGE, como os principais na análise do desemprego, mesmo que desconsidere uma ampla população que está numa situação semelhante, mas que não segue os devidos critérios da pesquisa.

Outras perspectivas, vão dizer que abordagens estritamente estatísticas possuem sérias limitações para uma análise do ponto de vista sociológico da população em atividade e da população desempregada (Demaziere, Guimarães, Hirata, Pignoni, Sugita, 2000). Mostrando que as fronteiras que permeiam as situações de desemprego, atividade e inatividade são estatutos que resultam da construção social de cada país, e que portanto, seus significados variam tanto no nível normativo das instituições que intervêm, como por exemplo IBGE e DIEESE no Brasil, bem com no nível subjetivo das experiências vividas pelas pessoas que se encontram em tais situações. Indicadores que não são possíveis de serem identificados em leituras minimizadoras da situação de desemprego, como no caso do IBGE.

- *Estado Ampliado, Hegemonia e Aparelhos Privados de Hegemonia*

O processo de trabalho no modo de produção capitalista é socializado, depende de uma produção coletiva, entretanto, a acumulação é privada. Uma parcela da produção retorna ao trabalhador em forma de salário, como sendo o valor pago pelo capitalista ao seu funcionário, a quantia necessária para a sua reprodução. Enquanto, a outra parcela é destinada ao capitalista dono dos meios de produção, que recebe em forma de mais-valia, trabalho não pago ao trabalhador. Desse modo, o dono dos meios de produção se apropria do produto final do trabalho coletivo de seus funcionários. Trabalho coletivo alienado, e suprimido em trabalho abstrato. E assim, divide-se a sociedade capitalista, entre “proprietários dos meios de produção e de consumo e os não-proprietários destes mesmos meios” (LIMA 2006. p. 2), se tornando uma sociedade heterogênea e conflituosa, com antagonismos irreparáveis.

O Estado, nada mais é, do que a representação de um conflito existente, e que este conflito precisa ser apaziguado por um poder superior, capaz de racionalizar as

relações sociais e impor uma dinâmica legitimável por meio de suas estruturas institucionais, como a legislação, os poderes descentralizados em órgãos políticos e civis que participam do processo de influência, para que dê autonomia ao processo de dominação de uma classe sobre a outra. Dessa forma, ao assumir o planejamento desta sociedade, o Estado assume, em outras palavras, o papel de racionalizar a reprodução ampliada do capital.

Assim, o Estado não é, de modo algum, um poder de fora, imposto sobre a sociedade; assim como não é a “realidade da ideia moral”, “a imagem e a realidade da razão”, como sustenta Hegel. Em vez disso, o Estado é o produto da sociedade num estágio específico do seu desenvolvimento; é o reconhecimento de que essa sociedade se envolveu numa autocontradição insolúvel, e está rachada em antagonismos irreconciliáveis, incapazes de ser exorcizados. No entanto, para que esses antagonismos não destruam as classes com interesses econômicos conflitantes e a sociedade, um poder, aparentemente situado acima da sociedade, tornou-se necessário para moderar o conflito e mantê-los nos limites da “ordem”; e esse poder, nascido da sociedade, mas se colocando acima dela e, progressivamente, alienando-se dela, é o Estado (Engels, apud: Harvey: 2005. p. 80).

Entretanto, a dominação de uma classe sobre a outra depende de uma ação do Estado juntamente aos *aparelhos privados de hegemonia*, categoria de Gramsci que classifica os intelectuais tradicionais, os meios de comunicação, a escola, os partidos, a igreja como legitimadores e propagadores de uma ideologia dominante. Através das suas leis, regimentos, ideologias, políticas consolidam o pacto entre as classes, se mostrando tendencioso ao lago hegemônico, às classes detentoras dos meios de produção, que por sua vez, dominam os aparelhos privados de hegemonia e perpetuam os seus ideais como pertencentes a todas as classes. “Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder **material** dominante numa determinada sociedade e também o poder **espiritual** dominante” (MARX, 1998. p. 48).

A gênese do Estado reside na divisão da sociedade em classes, razão por que ele só existe *quando e enquanto* existir essa divisão (que decorre, por sua vez das relações sociais de produção); e a *função* do Estado é precisamente a de conservar e reproduzir tal divisão, garantindo assim que os interesses comuns de uma classe particular se imponham como o interesse geral da sociedade. (COUTINHO, 2014. p. 123-124).

Apesar de Marx não ter se debruçado a fundo sobre o Estado, suas contribuições foram de suma importância para o desenvolvimento dos estudos de Gramsci, que nasceu na Itália em 1891, um dos membros fundadores do Partido Comunista Italiano, e que

passou 8 anos em cárcere, onde escreveu grande parte de suas obras. Diferentemente de Marx, Gramsci expõe o Estado em sentido amplo, que comporta duas esferas principais como elucida Coutinho (2014): a *sociedade política* que é formada pelo conjunto de mecanismos e organismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio da violência, como o caso da polícia militar; e a *sociedade civil* que é formada pelo conjunto de organizações responsáveis pela elaboração e/ou difusão de ideologias como igrejas, partidos políticos, sindicatos, escolas, os canais de mídia e meios de comunicação. Esses dois em conjunto definem o Estado Ampliado, não apenas um comitê executivo da burguesia, como afirmam Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista*, mas um conglomerado que atua tanto no campo das ideias como no campo da coerção. Para Gramsci (2016), a supremacia de um grupo social se manifesta como domínio e como direção intelectual e moral, hegemonia + coerção. E o espaço da sociedade civil, é um espaço necessariamente ideológico e em disputa, onde atuam os aparelhos privados de hegemonia sem serem compreendidos fora das relações sociais que se expressam no mercado.

O trecho a seguir representa bem o conjunto das relações sociais de reprodução material e intelectual da vida moderna, sob o alicerce do desenvolvimento capitalista burguês. Raymond Williams, baseado em Gramsci (MORAES, 2016) ressalta o fato de que hegemonia não se resume a mecanismos de controle ideológico.

El concepto de *hegemonía* va más allá que el concepto de *ideología*. Lo que resulta decisivo no es solamente el sistema consciente de ideas y creencias, sino todo el proceso social vivido, organizado prácticamente por significados, valores y creencias relativamente formal y articulado de un tipo que puede ser abstraído como una *concepción universal* o una *perspectiva de clase*. (WILLIAMS, 2000. p.130).

Raymond Williams deixa claro que é um conjunto da totalidade que expressa a hegemonia, não é simplesmente coerção e controle ideológico. É um aglomerado de crenças, valores, práticas, saberes, significados articulados que propagam valores dominantes, para todas as classes. MORAES (2016. p. 16) afirma que para Gramsci:

[...] hegemonia pode (e deve) ser preparada por uma classe que lidera a constituição do bloco histórico. É este bloco que concatena e dá coesão a diferentes grupos sociais em torno da criação de uma consciência ético-política universalizadora e de uma vontade coletiva (MORAES, 2016. p. 16).

Portanto justamente esse é o papel da mídia hegemônica juntamente aos aparelhos privados de hegemonia, conservar o bloco histórico, e dar solidez ao *status*

quo, através da propagação e disseminação de informações comprometidas com interesses privados revestidos de *senso comum*. Interesses privados que dizem respeito aos 40 parlamentares abordados por Moura (2016) como donos e/ou associados de canais de radiodifusão bem como dos irmãos que ocupam a sexta posição de maiores bilionários do Brasil, e das outras três famílias que lideram o oligopólio dos meios de comunicação no país, com suas emissoras de televisão, editoras de jornais, revistas, sítios *online* e rádio.

2. METODOLOGIA

O método estruturante da pesquisa é o materialismo histórico dialético, o qual foi utilizado para analisar e problematizar as publicações escolhidas que versassem sobre o desemprego. Também se apresentou como fundamento histórico-metodológico capaz de compreender a essência dos fenômenos da realidade numa perspectiva totalizante, com o apoio das categorias formalizadas por Marx e Gramsci.

Categorias se diferem de simples conceitos, pois elas estruturam a realidade. As categorias são representações ideais do movimento real da totalidade. Expressam formas de modos de ser, determinações da existência, e não se limitam a estruturas puramente lógicas, advindas do campo da abstração. Elas tem como base o concreto real, e se configuram como estruturas que a razão extrai do real, reproduzindo mentalmente o movimento que já existe na realidade.

A categoria mediação possui suma importância na análise dos dados sobre o desemprego, justamente por ter uma dupla natureza: ontológica e intelectual. Ontológica porque é uma categoria objetiva, que tem que estar presente em qualquer realidade, independente do sujeito, como afirmou Lukács (2012). Ou seja, ontológica por ser parte constitutiva do ser social. E intelectual porque a razão, para superar o imediato, aparente, deve seguir em busca da essência. Portanto, deve se construir intelectivamente mediações, para reconstruir o próprio movimento do objeto.

2.1. Procedimentos metodológicos:

Os instrumentos de coleta e análise de dados se resumiram a análises bibliográficas e documentais. Portanto não houve aplicação de nenhum questionário, ou roteiro de entrevista, ou ainda grade de observação. Através do conteúdo apresentado pelos meios de comunicação de grande alcance, a pesquisa pretendeu organizar a informação veiculada de forma que pudesse transmitir ao leitor a possibilidade de reflexão sobre como o posicionamento da mídia hegemônica diante de decisões políticas é parcial e o peso que esse exerce. Portanto, capturando matérias jornalísticas de meios impressos, virtuais e a partir de temas particulares que tratem do desemprego especificamente, buscou-se separar os seus conteúdos em códigos, sejam palavras usadas com frequência, frases e/ou parágrafos que expressem os elementos centrais da

matéria, e que permitam a identificação de uma unidade de análise. E a partir disso posicionamos os códigos de acordo com uma tabela, designando-os em três categorias distintas que expressam como a mídia hegemônica veiculou sua formação de opinião pública mesclada de interesses privados no decorrer do “rito” de impeachment. Denominamos cada uma das maneiras de apresentar os argumentos parciais da mídia sobre os acontecimentos relativos ao desemprego de “discursos”, e classificamos esses argumentos em três tipos:

- Discurso da Personificação
- Discurso do Mercado
- Discurso do Extraordinário

As três categorias acima descrevem apenas algumas formas que a mídia hegemônica utiliza para abordar determinadas questões no debate com a sociedade. Foram preestabelecidas para conformarem as matérias encontradas nos acervos dos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*. No caso desta pesquisa, cabe uma explicação sobre as categorias: 1. O Discurso da Personificação teve como primazia a referência direta ou indireta do índice de desemprego com o governo federal. Trazendo um conteúdo direcionado principalmente à Dilma e Temer. 2. Discurso do Mercado diz respeito a glorificação do mercado, e ao argumento tecnicista muito utilizado em nossa época para assegurar a sociedade sobre determinados fins e meios. “A glorificação do mercado consiste em apresenta-lo como instância mais adequada pra traduzir aspirações e regular por si mesma a sociedade contemporânea.” (MORAES, 2016. p. 113). 3. Por último, o Discurso do Extraordinário buscou encontrar por trechos mais acalorados que tratassem a realidade como algo extraordinário, ou até mesmo absurdo. Também enquadra códigos que retratem as taxas de desemprego e empregabilidade como taxas “recorde” ou crescentes de maneiras jamais vistas.

Como parte fundamental do trabalho, foram coletados dados em fontes de publicação física bem como eletrônica das seguintes empresas de jornalismo: *O Globo* e *Folha de São Paulo*; consideradas centrais para o trabalho por constituírem a maior parte da mídia hegemônica brasileira conforme os especialistas anteriormente citados nesse trabalho. Os dados foram reunidos a partir dos localizadores “desemprego”; “Dilma” em pesquisas feita no acervo de cada um dos dois jornais, com os localizadores escritos juntos.

As matérias de jornais escolhidas para serem codificadas foram separadas pelos seguintes critérios e localizadores:

- Desemprego
- Dilma
- Impeachment
- Temer
- Taxa de desocupação
- Reforma
- Recessão
- Inflação
- Crise

A partir daí seguiu-se uma análise dos conteúdos das matérias para admitir a diferença de posicionamento no período que versou o “rito” do impeachment. Dessa forma, o período adotado para análise das matérias foi de Março de 2016 até Agosto de 2016, e sua periodização interna foi dividida em três: 1. Período que antecedeu instauração do processo de impeachment de Dilma Rousseff pela Câmara dos Deputados; 2. Período que antecedeu a abertura do processo no Senado; 3. Período que antecedeu a votação pelo impeachment de Dilma Rousseff no Senado.

Realizando o registro das matérias mais importantes por meio de anotações, memorandos, os dados coletados foram codificados e divididos em categorias e conceitos para dar maior solidez a teoria fundamentada nos dados na medida em que mais dados iam sendo coletados. Esta teoria foi utilizada como base de análise qualitativa, com fundamento nas obras de Strauss e Corbin apresentados por Flick (2009) e Gibbs (2009), permitindo a construção teórica sistemática dos dados coletados, dando ênfase aos objetivos propostos.

A análise atendeu a todos os princípios fundamentais do Código de Ética Profissional do Assistente Social de 1993, que para não cair em um viés reducionista da profissão, buscou enfatizar a necessidade do reconhecimento da liberdade como valor ético central, bem como autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos. Na defesa intransigente dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo (BRASIL, 2012). Também buscou se posicionar em favor da equidade e justiça social, da gestão democrática, da liberdade de expressão das classes subalternizadas com um

olhar profundo para a luta de classes, muito bem ilustrada pela ruptura democrática aqui demonstrada. “Em defesa do aprofundamento da democracia, enquanto socialização da participação política e da riqueza socialmente produzida” (BRASIL, 2012, p. 23).

Não houve envolvimento com seres humanos, mas mesmo assim são respeitados os princípios gerais da Resolução N. 510/2016 do Sistema Cep-Conep.

2.2. *Desafios Metodológicos:*

Ao sedimentar os procedimentos metodológicos, esse TCC se propôs a analisar todas publicações de jornais periódicos de grande alcance pertencentes a grupos centrais dessa grande mídia, e também algumas matérias televisivas que fossem de boa expressividade no período de Março a Novembro de 2016. Entretanto, já no primeiro momento, optou-se por desconsiderar as análises televisivas para se consolidar uma pesquisa de análise de conteúdo dos periódicos em formato de tabela, gerando a partir dessa tabela os resultados qualitativos e quantitativos da pesquisa. Além disso optou-se por diminuir o período até Agosto de 2016, mês em que se encerrou o impeachment.

Então, os jornais escolhidos foram *Folha de São Paulo* e *Estadão*, ambos publicados em São Paulo, e *O Globo* publicado no Rio de Janeiro. Mas, pela exaustiva e minuciosa análise de conteúdo, que se realizou por meio da leitura de mais de 500 colunas, desconsiderou-se o *Estadão*, pelo fato de terem dois jornais de publicação no mesmo estado, e o grupo Folha ser o jornal de maior publicação e distribuição no país, e que portanto, não poderia ser desconsiderado dessa pesquisa.

No princípio, a tabela foi apresentada no formato de calendário, com base no que denominamos de três tipos de *discursos*, sendo esses tipos categorias fundamentadas como eixos centrais para a coleta de códigos, criando um calendário para cada argumento. Entretanto, este formato apresentou problemas, na medida em que ficou pouco enxuto e com diversos espaços em branco nas três tabelas. Além disso, a leitura transversal não apresentava a transgressão periódica, com base nas etapas do “rito” de impeachment, como havia sido proposto pelo trabalho. Por fim, optou-se por um quadro (ver Anexo I) em que os três tipos de *discursos* foram apresentados juntos, organizados sequencialmente de acordo com sua data de publicação, e contendo trechos

extraídos dos jornais que possibilitaram compreender a evolução dos argumentos com base nas etapas que delimitamos do processo.

Escolheu-se a análise de conteúdo como instrumental analítico pelo seu potencial desmistificador, capaz de expor certas crenças e posicionamentos da mídia hegemônica em determinado período histórico. Esse ainda se mostra como uma técnica muito utilizada por pesquisadores e pesquisadoras do jornalismo capaz de:

detectar tendências e modelos na análise de critérios de *noticiabilidade*, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características de produção de indivíduos, grupos e organizações para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias (...) (HERSCOVITZ, 2007. p. 123, grifo nosso).

A análise de conteúdo permite, portanto, trilhar o caminho necessário para compreensão da produção do conteúdo jornalístico midiático. Quem o produziu? Para quem produziu? Em que contexto? Esses questionamentos não estão explícitos, mas são questionamentos que surgem ao se analisar o conteúdo e suas temáticas. Para tanto Flick (2009) bem como Gibbs (2009) e Herscovitz (2007) foram de suma importância na hora de coletar os dados, realizar a codificação, levantar questionamentos e identificar os conteúdos aplicados nos demais discursos apresentados.

No caso desta pesquisa, os questionamentos centrais giram em torno dos três tipos de argumentos, a ênfase dada por cada jornal a cada uma das categorias nos períodos em que antecederam as votações, tanto na câmara, como no senado, bem como a quantidade de publicações em cada período, por cada jornal, além de outros substratos qualitativos que serão debatidos nos próximos capítulos.

3. O PAPEL (DES)INFORMADOR DA MÍDIA HEGEMÔNICA E A RUPTURA DEMOCRÁTICA

Na contemporaneidade existe um consenso de que a mídia cumpre um papel fundamental na formação e divulgação da informação. Televisão (aberta e paga), rádio, jornais periódicos, internet, revistas e “outras diversas instituições que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação de *massa*” (LIMA, 2004. p.50 grifo do autor) formam juntos a mídia. O autor alerta que “a instituição mídia implica sempre a existência de um aparato tecnológico intermediário para que a comunicação se realize. A comunicação passa, portanto, a ser uma comunicação *mediatizada*” (LIMA, 2004. p.50 grifo do autor), ou seja, transformada a partir do meio e da maneira que ela é empregada. No caso desta pesquisa, optou-se por uma parcela majoritária e específica dos meios de comunicação nomeada de mídia hegemônica. Hegemônica pois, representada por grupos seletos e corporativos da elite burguesa, possuem ampla autonomia e alcance na sociedade capitalista. Através de seu aparato tecnológico de comunicação de massa conseguem difundir a informação a um vasto número populacional atuando de maneira hegemônica sobre todas as camadas da população.

Nessa direção, Moraes (2016) apresenta uma reflexão de Gramsci em que equipara os jornais a partidos políticos de sua época, na medida em que estes

difundem concepções de vida que acabam por influir na definição de juízos e valores. Nesse sentido, tentam credenciar-se como órgãos de direção cultural, moral e política, sobrepondo-se muitas vezes, a outros aparelhos privados de hegemonia que procuram encarnar a vontade geral, como partidos e entidades da sociedade civil. (...) Promovem ou desqualificam pontos de vista, de acordo com seus alinhamentos. No caso dos jornais ligados à burguesia, desempenham um papel de Estado-maior ideológico das classes dominantes e seus sustentáculos nos meios políticos, empresariais, e financeiros (MORAES, 2016. p. 98).

A partir do exposto, podemos compreender a mídia hegemônica como parte do bloco histórico, ou mais além, como um 4º poder (FONSECA, 2011) que dá solidez ao processo de decisão política na esfera nacional, através da difusão de conteúdos específicos que versam sobre interesses partidários, empresariais, financeiros de determinados grupos pertencentes as elites brasileiras, transmitidos sem responsabilidade a mercê da liberdade de imprensa. Interesses que ainda podem se sobrepor aos interesses de outros aparelhos privados, como no exemplo desse TCC.

No caso do Brasil, essa mídia hegemônica é composta por um pequeno grupo de quatro famílias como bem ilustra Lopes (2016), que monopolizam os meios de veiculação da informação e que tiveram plena atuação na composição orquestral do golpe de Estado ocorrido em 2016. O autor, em seu texto, ainda traz um trecho de uma entrevista dada em 2010 pela então presidenta da ANJ – Associação Nacional de Jornais, Maria Judith Brito, em que já naquele contexto antecipava o que vinha acontecendo no país e que resultaria no objeto de estudo deste trabalho. Na entrevista, a representante executiva do grupo Folha afirmou que “esses meios de comunicação estão fazendo de fato a posição oposicionista deste país, já que a oposição está profundamente fragilizada”⁴. Deste modo, a partir do conteúdo veiculado, a mídia hegemônica deixou de fazer jornalismo para fazer oposição ao segundo mandato de Dilma Rousseff, sem abrir espaço para a sua defesa, selecionando e publicando matérias para denegrir a imagem do governo e fortalecer a ruptura democrática custe o que custar.

[...] apesar de certa diversidade, precisamos admitir que a mídia produz uma informação que não é espontânea nem “independente”: a “atualidade” não brota do nada, as imagens e as ideias não são extraídas da realidade para ser instantaneamente submetidas aos nossos espíritos, a verdade não está diretamente ao nosso alcance e a gama de informações às quais temos acesso está longe de ser ilimitada. Como todos os meios de comunicação, a televisão, o rádio e os jornais aplicam certas regras e convenções para que as informações que eles transmitem sejam inteligíveis, e são estas regras e convenções que, mais frequentemente do que a realidade evidencia, conformam a produção midiática. Tais regras tácitas que transformam eficazmente diversas realidades inacessíveis em “atualidade”, em “informações”, e a convicção, assumida pela mídia, de que a audiência fundamenta sua relação real com base em um arsenal de presunções favorecem a circulação de imagens uniformes e redutoras. Os meios, como empresas lucrativas, têm naturalmente interesse em promover certas imagens da realidade e eclipsar outras. Estamos, pois, em um contexto político, endossado pela ideologia que a mídia dissemina, sem encontrar uma verdadeira resistência, no inconsciente coletivo (SAID, 2011. p. 127 apud. MORAES, 2016. p. 113).

Um dos celebres autores que estudam a era informacional, ou era da informação, Castells (1999) retrata a sociedade atual repleta de novas possibilidades com o advento da Revolução da Tecnologia da Informação. E coloca a informação em um novo patamar que reflete a relação de poder na contemporaneidade. Com a perda de legitimidade dos partidos modernos e com a ruptura da velha política tradicional, a mídia assume um espaço fundamental na formação de agenda política da sociedade

⁴ Entrevista disponível *online*; ver Tatiana Farah, “Entidades de imprensa e Fecomercio estudam ir ao STF contra plano de direitos humanos”, *O Globo*, 18 mar. 2010.

contemporânea, Castells (1999) afirma que a mídia eletrônica⁵ por meio de todos os seus formatos, se tornou o *espaço privilegiado da política*, e ainda diz:

Não que toda política possa ser reduzida a imagens, sons ou manipulações simbólicas. Contudo, sem a mídia, não há meios de adquirir ou exercer poder. Portanto, todos [os partidos políticos, de ideologias distintas] acabam entrando no mesmo jogo, embora não da mesma forma ou com o mesmo propósito (CASTELLS, 1999. p. 367).

A informação passa a intermediar as relações sociais e de poder. Até mesmo o jogo político (FONSECA, 2011) passa a ser governado pelas regras que compõem o conteúdo midiático. Castells (1999) alerta que não é bem a mídia que determina as pautas. Entretanto, a suas lógicas organizacionais “enquadram e estruturam a política” (CASTELLS, 1999. p. 368)

No caso desta pesquisa, não é exatamente a mídia que determinou a ruptura democrática, mas a sua lógica organizacional, através do monopólio da informação e dos meios de se transmiti-la, enquadrou e estruturou o cenário, mesmo quando os motivos não deveriam levar ao crime de irresponsabilidade fiscal, e que portanto, descaracterizaria o processo de impeachment.

Em todas as épocas da modernidade, entretanto, a mídia, aliada ao poder hegemônico da classe burguesa, cumpriu o seu papel em (des)informar a população em prol do bloco histórico, e no Brasil não foi diferente no golpe de 64 e no de 2016. Lopes (2016) traz um comparativo do editorial *Globo*, em que o fantasma do “comunismo” utilizado para demonizar o governo de Joao Goulart em 64, foi trocado pela expressão “lulopetismo” para demonizar o governo de Dilma Rousseff em 2016.

A expressão apareceu 142 vezes no acervo do jornal *O Globo*, no período de março a agosto de 2016. Já a *Folha*, não foi muito adepta do termo que apareceu apenas 21 vezes.

No próximo capítulo, haverá uma breve descrição dos Grupos *O Globo* e *Folha*, escolhidos para esta pesquisa; a seguir serão apresentados recortes, parágrafos, expressões utilizadas pelos jornais no período da pesquisa caracterizados pelos tipos de argumentos e análises qualitativas do conteúdo retirado do Anexo I, bem como uma análise do conteúdo jornalístico publicado e alguns dados quantitativos quando pertinentes.

⁵ “[...] Não só o radio e a televisão, mas todas as formas de comunicação, tais como o jornal e a internet” (CASTELLS, 1999, p. 367)

4. ANÁLISE DOS DADOS

A mídia hegemônica, formada pelo conjunto de famílias que domina a maior parcela do conglomerado midiático, detêm o monopólio da propriedade dos meios de produção, infraestrutura tecnológica e as bases logísticas (MORAES, 2016) da produção midiática, resultando em proeminência nos processos de produção material e imaterial desta sociedade. E assim como nas campanhas anti-governo em 64 e pro golpe militar, essas famílias assumiram (LOPES, 2016) um *protagonismo político* para criminalizar Lula, para que não concorra como candidato a presidente em 2018, bem como criminalizar Dilma e deslegitimar seu governo para poderem, então, levantar a bandeira das reformas trabalhista e previdenciária. Longo tempo sendo adiadas durante o governo Dilma, mas que estavam entaladas na garganta da elite brasileira e que assumiram prioridade na agenda governamental assim que o impeachment foi votado pelo Senado.

Portanto, para o resultado desta pesquisa foram escolhidas dois grupos de jornais pelo seu grau de influência no país. Famílias do ciclo midiático brasileiro que representam a maior parcela da rede nacional de comunicação juntos. Os Marinho (Organizações Globo), e os Frias (Grupo Folha) (LOPES, 2016). Famílias influentes na história brasileira, visto que seus principais jornais foram criados na década de 20, tão antigos quanto as primeiras legislações que versavam sobre proteção ao trabalhador⁶ no país. E hoje, se tornaram os principais meios de comunicação midiática brasileira.

O Grupo Globo, ou Organizações Globo é o maior conglomerado de mídia do Brasil de acordo com o Wikipédia, que realizou uma pesquisa para reconhecer os maiores grupos da mídia brasileira através de seu faturamento anual. Os dados são pertencentes ao ano de 2013, mas informa um faturamento anual de 14,6 bilhões, diferença de 10 bilhões pro grupo que está na segunda posição, Grupo Abril com 4,5 bilhões de faturamento.

Iniciou seus trabalhos em 1925, com o jornal vespertino criado por Irineu Marinho e nomeado pelos leitores de *O Globo* através de uma votação realizada pelo jornal anteriormente chamado de *A Noite*. Irineu teve uma morte repentina após a

⁶ Ver Lei Eloy Chaves, de 1923

criação do jornal, passando a responsabilidade para Eurycles de Matos, um amigo pessoal seu. Em 1931, o filho de Irineu Marinho, Roberto Marinho assume o jornal com o falecimento de Eurycles de Matos. E a partir daí, o jornal como uma companhia empresarial passa a crescer e em 1944 inaugura a Radio Globo, também sediada no Rio de Janeiro. Em 1965, com a inauguração da *Rede Globo de Televisões* a empresa se tornou líder no segmento de mídia, um ano após o golpe militar.

De acordo com dados do Wikipédia, o Grupo Globo possui 2 canais em rede aberta, com cinco emissoras próprias no país e 122 emissoras afiliadas, sendo a maior rede de televisão aberta do Brasil em número total de emissoras próprias e afiliadas, em faturamento e em número de audiência. Um verdadeiro monopólio da informação. Além disso, possui a *Globosat* que é considerada a maior produtora de conteúdo destinado a TV por assinatura da América Latina, com mais de 30 canais próprios.

Quanto a mídia impressa são mais de 15 tipos de revistas publicadas pela *Editora Globo*, que versam sobre os mais diversos assuntos. Como questões do âmbito rural ao último lançamento da moda internacional. E mais 4 jornais de publicação e edição própria, pela *Infoglobo*. Poderíamos nos prolongar na descrição desse gigante que é o Grupo Globo, mas para o intuito desta pesquisa acreditamos que os dados coletados e fornecidos foram de bom tamanho.

O Grupo Folha é um conglomerado de mídia de cinco empresas e que ocupa a terceira posição no ranking de maiores mídias brasileiras feito pelo Wikipédia, seguido por um faturamento de 2,7 bilhões em 2010. Entretanto, o faturamento previsto para 2016 é de 4 bilhões, de acordo com dados do próprio grupo⁷, ficando portanto em segundo lugar, apenas atrás do Grupo Globo. Muito pelo fato de ter expandido seu lucro através do acesso de conteúdo *online*, com cobranças de mensalidades para leitores que desejam acessar seu conteúdo exclusivo pela tela.

Sua principal empresa é a *Folha de São Paulo* jornal publicado no Brasil desde 1921, sendo hoje o principal jornal do país em circulação e audiência, como retrata em seu site. O jornal de maior circulação e alcance no território brasileiro, como afirma também pesquisa feita pela ANJ com dados do segundo semestre de 2015.

Outra empresa importante citar que pertence 100% ao Grupo Folha, é o *Datafolha*. Como eles mesmos dizem: “É um dos principais institutos de pesquisa do

⁷ Disponível *online*; ver David Friedlander “A partir do Jornal, Grupo Folha se diversificou e hoje tem 5 empresas” *Folha de São Paulo* 27 mar. 2016.

país. Faz pesquisas de mercado, de opinião e eleitorais, mas não trabalha para políticos e partidos”. Além da autoacusação, fica o questionamento: opinião de quem?

Também possuem uma editora chamada *Publifolha*, que publica obras em 16 áreas, que incluem turismo, culinária, moda, jornalismo, infanto-juvenil, etc. Uma gráfica com capacidade de imprimir mais de 1,2 milhão de exemplares por hora. E outras empresas e parcerias, como o site *UOL*. Também foi parceiro do Grupo Globo no jornal *Valor*, o principal jornal econômico do país, com 60.440 exemplares de circulação diária registrada em janeiro de 2016, de acordo com dados do próprio Grupo Folha, mas após 15 anos de parceria vendeu sua parcela para o Grupo Globo que passou a deter 100% de participação no negócio em 13 de setembro de 2016.

Para o resultado da pesquisa e composição da tabela de análise qualitativa que está no Anexo I, utilizou-se dois códigos que determinam dois dos objetos centrais de análise desse estudo para procurar e selecionar matérias pertinentes ao tema proposto: *desemprego e Dilma*.

A partir daí, pesquisou-se no acervo *online* de cada um dos dois jornais com as duas palavras escritas em sequência “desemprego Dilma” e obtivemos 354 resultados no acervo do jornal *O Globo* e 210 resultados no acervo do jornal *Folha de São Paulo* no período de Março a Agosto de 2016. Com esses resultados, lendo e pesquisando as publicações foram identificadas e selecionadas 59 matérias no jornal *O Globo* e 65 matérias pela *Folha de São Paulo* para comporem a tabela do Anexo I.

Com os dados da pesquisa, foi possível extrair que ambos os jornais aplicam um consenso fabricado, induzindo opinião pública ao convencimento com base nos seus intelectuais orgânicos. Os espaços de opinião na mídia em sua maior parte estão preenchidos por dois tipos de intelectuais:

aqueles dentro das próprias empresas, em sintonia com determinados princípios ideológicos, e medidas de valor; e aqueles escolhidos pelas organizações midiáticas para exercer autoridade cultural a partir de suas especializações profissionais ou acadêmicas (MORAES, 2016. p. 116).

No caso desse TCC, foi possível relatar o alto número de empresários, economistas e políticos de partidos específicos que escreveram, opinaram ou foram entrevistados dando seu parecer sobre o momento histórico político brasileiro. Quanto ao *Folha de São de Paulo*, especificamente, foi possível relatar a aparição de Aécio Neves na coluna Opinião pelo menos 5 vezes, e também do líder do DEM - Democratas

no Congresso, Ronaldo Caiado na coluna Mercado, em publicações do jornal no período do impeachment. Ambos de oposição ao governo, tiveram espaço de fala no periódico.

Ronaldo Caiado, por exemplo, apresentou um argumento acalorado, popular na velha política, com os seguintes trechos: “o país está arruinado(...) Os números da economia são bem piores do que se imaginava(...) Tragédia do desemprego – 11 milhões de vítima” publicado no dia 05 mai. 2016 pela *Folha de São Paulo* na coluna S4 Mercado, comumente escrita por economistas, ou empresários.

Também na *Folha de São Paulo* aparecem entrevistas com Michel Temer, em que ele já especula uma melhora do desemprego para o próximo ano.

Folha: Mas o desemprego...

Temer: Quanto tempo vai demorar para você reduzir sensivelmente o desemprego, eu não saberia dizer. O que tenho de fazer, como governante, é produzir atos para combater o desemprego. No começo do ano que vem começamos a ter resultados” (Folha de S. Paulo, 10 jul. 2016. Mercado, p. A21).

Além disso a *Folha de São Paulo* apresenta uma matéria escrita por Michel Temer, publicada no dia 24 jul. 2016 em que achamos importante destacar o trecho a seguir: “A primeira condição para se almejar a cidadania é o emprego. Combater, pois, o desemprego que afeta quase 12 milhões de brasileiros é a meta prioritária a que me proponho, como presidente em exercício, para reinserir o país no rumo certo” (Folha de S. Paulo, 24 jul. 2016. Opinião, p. A3).

As duas matéria tem em comum um tom de perseverança na fala do presidente então interino, aguardando a votação no senado que ocorreu no dia 31 de agosto para se tornar o então presidente da república, e o curioso é a importância dada pelo jornal para que a voz de Temer fosse lida naquele momento em que sua estadia no cargo já era praticamente certa, na lupa do empresariado e mercado econômico. Já não trazia um tom de angústia com os problemas causados pelo legado do “lulopetismo”, ou um coquetel de “recessão, com inflação e desemprego”, mas um tom sereno de paz, de rearranjo político, para dar ordem ao caos que eles mesmos criaram. Dessa forma, foi imprescindível separar a tabela em momentos que marcaram esse contexto histórico, a partir dos processos de votação na Câmara e no Senado, como bem exposto na tabela no Anexo I. E para o prosseguimento da análise, optou-se por separar o capítulo com base

nos processos da tabela, para ajudar o leitor na hora de compreender o contexto político em que passava o país no período da publicação da matéria.

4.1. Período que antecedeu a instauração do processo de impeachment de Dilma Rousseff pela Câmara dos Deputados

Com o relatório da comissão favorável ao impeachment, o processo foi instaurado na Câmara para votação, necessitando de 2/3 dos votos dos deputados para sua aprovação na casa e ir para o Senado. Dessa maneira, a grande mídia intensificou seu plano de oposição ao governo, como já ilustrava a representante da ANJ em 2010, com a citação de (LOPES, 2016)⁸. E passou a transmitir diariamente os episódios da cobertura midiática da ruptura democrática, trazendo a opinião de especialistas (leia-se empresários, políticos e economistas escolhidos a dedo), leitores previamente selecionados para abordar questões como o desemprego, inflação, recessão de maneira transversal aos acontecimentos. Conseguiu criar uma atmosfera de recessão *catastrófica*, capaz de escamotear os reais motivos que levaram Dilma Rousseff ao impeachment.

Apesar das intensas ofensivas registradas pelos periódicos, o *Folha de São Paulo* foi o único entre os dois jornais, mesmo que de maneira minimizada, que expôs a opinião de especialistas ou leitores que deslegitimavam o impeachment. Enquanto o jornal *O Globo*, não demonstrou nenhum interesse em apresentar uma outra visão do processo. Assim como nós verificamos nessa pesquisa, Lopes também traz a mesma constatação de que:

Durante a campanha pela derrubada da presidenta eleita, as regras básicas do jornalismo foram mandadas às favas. A noção básica de “ouvir o outro lado” foi liquidada. Os acusados não tiveram direito a voz nas mídias golpistas. Os programas de “debates” receberam por meses apenas aqueles convidados que se dispuseram a emitir declarações contra o governo; intelectuais, artistas, políticos, de esquerda foram vetados em jornais, revistas e emissoras de TV e rádio. A única exceção ficou por conta da *Folha de S. Paulo* que manteve alguns articulistas de esquerda para manter a rota bandeira da “pluralidade” (LOPES, 2016. p. 123).

⁸ Ver p. 22

Apesar de existirem opiniões contrastantes, mesmo que minimamente, Moraes nos mostra que uma parcela apreciável dos intelectuais formados dentro da mídia e que ascendem a postos de maior notoriedade

[...] refletem uma maior ou menor afinidade com premissas ideológicas que norteiam as políticas das organizações midiáticas. São poucos os que obtêm reconhecimento diferenciado para expor o contraditório e o antagônico (MORAES, 2016. p. 117).

Com o TCC foi possível constatar, inclusive na parte de opinião do leitor, uma visão unificada dos fatos e com premissas básicas que representem, minimamente, os interesses do jornal, não tocando em nenhuma contradição.

No período que antecedeu a votação do impeachment na Câmara dos Deputados o conteúdo apresentado por ambos os jornais possuía um tom mais ameaçador, principalmente na parte de opinião dos leitores. O periódico *O Globo*, em março culpabilizou diretamente Dilma algumas vezes como apresentado no seguinte trecho: “A presidente Dilma está na corda bamba e sem rede de proteção. É repudiada pelo povo. O PT, que a elegeu, vira-lhe as costas. Antes do baque, é preciso que todos estejam convencidos que a culpa pela desastrosa situação é exclusivamente dela [...]” (*O Globo*, 01 mar. 2016. Opinião, p. 13). O trecho se caracteriza claramente em um discurso da *personificação*, atribuindo todo contexto de crise política e econômica a Dilma, culpa “exclusivamente dela”. Já o *Folha* na mesma semana destacou a necessidade de uma mudança na composição do poder executivo, pois:

Estamos em um ano crucial para o país. O aumento desenfreado do desemprego e a instabilidade da economia trazem incertezas para toda população. As respostas do governo federal tem sido penalizar os trabalhadores com aumento de impostos (ICMS, IPI CPMF), o que está acarretando o fechamento de fábricas e um crescimento do endividamento das famílias, sufocadas pela falta de coragem do executivo em atacar de frente o corte de gastos (*Folha de S. Paulo*, 03 mar. 2016. Opinião, p. A3, grifos nossos).

O texto apresentado se assemelha com o publicado pelo *O Globo* no dia 01/03, ambos na parte da opinião do leitor. Ambos caracterizados pelo discurso da *personificação*.

O jornal *Folha* enfatiza a falta de “coragem” do executivo diante do contexto de aumento “desenfreado” do desemprego, que tem “penalizado” os trabalhadores com aumento de impostos que dizem mais respeito ao produtor do que ao consumidor, mas como todo o imposto que se insere na relação capital-trabalho, este acaba sendo

repassado de forma indireta para o bolso do consumidor, com o aumento no preço dos produtos, e possíveis cortes no processo produtivo das empresas. O que pode resultar na demissão de uma parcela de empregados para reativar a estabilidade da empresa, e assim não precisar subir o preço de seu produto demasiadamente, com o aumento dos impostos. Além disso, como também verifica Fonseca (2011) é possível relatar uma *antiga estratégia* da imprensa no trecho da *Folha* quando essa se autodenomina intérprete dos trabalhadores e das famílias “sufocadas”. “A imagem catastrófica é reiterada, constituindo-se num verdadeiro bombardeio retórico” (FONSECA, 2011. p. 58-59).

Sentindo uma “retomada de velhas propostas”, *O Globo* se antecipou, e já apresentou seu parecer e as expectativas do mercado quanto a contexto de “acirramento da crise política” e de “nova fase da Operação Lava-Jato”(09/03/2016). Além disso trouxe trechos de uma entrevista de Temer em que versava sobre economia, como diz a própria matéria:

Sobre economia, o vice-presidente ressaltou a necessidade do otimismo e união para o país sair da crise econômica: - Hoje, o que o país precisa é de unidade, de reunificação, um instante em que todos têm que dar as mãos e tirar o país da crise. O desemprego vai gerar uma conflitância (sic) social. Por isso, temos que unir esforços para retomar o emprego no país (O Globo, 07 mar. 2016. O País, p. 3).

Apesar de se intitular “sobre economia”, o que vale destacar nessa sentença é o discurso do *extraordinário*. Que clama por uma “unidade de reunificação” mesmo num contexto como o enfatizado anteriormente; por um esforço conjunto capaz de retomar o país no trilho, mas para isso todos têm que “dar as mãos e tirar o país da crise” num instante. Algo que quase sobrenatural, que permitirá o Brasil estabelecer uma *ordem e progredir* novamente.

Para destacar o discurso do *mercado* no período em que antecedeu a instauração do impeachment pela Câmara dos Deputados, um fragmento do jornal *O Globo* apresenta a previsão de um economista sobre a continuidade ou saída de Dilma do governo, pois: “– Se ela continuar, continua a estagflação clássica. Hoje, a manutenção desse governo gera uma incerteza. Prolongar é aprofundar essa recessão. Quanto mais cedo sair, mais cedo se recupera – avalia Eduardo Velho, economista-chefe da INVX” (O Globo, 15 mar. 2016. Economia, p. 17). O jornal *Folha de São Paulo* apresenta uma concordância dentro do mesmo discurso do *mercado*.

Em meio à tempestade, parece ter sido construído um consenso entre alguns setores do empresariado, do mercado financeiro e do congresso de que a queda da presidente Dilma Rousseff é o melhor caminho para chegarmos a águas mais calmas. Com Michel Temer na Presidência, a tão desejada estabilidade criaria as bases para a resolução das atuais crises políticas e econômicas nos próximos anos (Folha de S. Paulo, 24 mar. 2016. Mercado, p. A24, grifo nosso).

Especulava-se no âmbito interno quanto externo, dado os dados da pesquisa, que a saída de Dilma repercutiria positivamente no mercado, que já avaliava sua saída como algo provável de se acontecer ainda no ano de 2016. Com a ruptura democrática maquiada de impeachment sendo votada como prioridade no poder legislativo e judiciário, as elites organizadas já possuíam seu plano para “resolução das atuais crises políticas e econômicas nos próximos anos”, mas necessitavam de uma base necessária para dar prioridade a sua agenda reformista.

Apesar de não ter ganhado notório destaque como objeto desta pesquisa, as reformas trabalhista e previdenciária, bem como o teto para gastos públicos, foram medidas que fizeram parte do plano de golpe e deram combustível para consolidar a *ponte para o futuro*.

Assim, também foi possível destacar diversas matérias que traziam a temática reformista aliada ao desemprego, como uma possível solução para o “esfacelamento econômico” que assolava o país. *O Globo*, jornal que se mostrou mais incisivo nesta tecla, apresentou uma matéria com o título *Leis Trabalhistas inflexíveis incentivam desemprego*. Matéria publicada no início de Março já dizia, diretamente ao ponto, que “No momento em que se projetam taxas de desemprego de dois dígitos, coerentes com a mais grave recessão desde a década de 30, deve-se debater, mais uma vez, a flexibilização da rígida Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) [...]” (*O Globo*, 02 mar. 2016. Opinião, p.16). Já na outra semana, *O Globo* apresentou novamente um conteúdo similar, dessa vez direcionado ao PT como a pedra no sapato para realização das sonhadas reformas, sendo assim:

Nem vamos falar dos diabos de que o PT nem quer ouvir falar: da reforma da Previdência, muito menos da legislação trabalhista e da indexação do salário-mínimo. O modelo atual impõe ganhos reais de salários e de aposentadorias num momento de depressão econômica. O resultado é mais desemprego (*O Globo*, 09 mar. 2016. Economia, p. 21).

Um verdadeiro desmerecimento dos direitos conquistados pela classe trabalhadora, apresentando teses que futilizam a CLT – Consolidação das Leis do

Trabalho e a Previdência Social (FONSECA, 2011); como se essas fossem as máquinas de criação de desemprego. A CLT com sua “rigidez inflexível” e a previdência com seu déficit insustentável. Tudo isso em nome da reestruturação produtiva, da retomada do potencial lucrativo das empresas e da elite burguesa.

O *Folha*, lentamente, se mostrava no mesmo sentido do vetor reformista, pois “[...] sem a renúncia da presidente Dilma, não há possibilidade de construção de um mínimo consenso em torno de medidas urgentes para estancar o esfacelamento econômico em curso” (Folha de São Paulo, 11 mar. 2016. Mercado, p. A18). Não destaca quais são essas “medidas urgentes” no primeiro momento, porém nos próximos períodos a serem analisados, as reformas aparecerão com maior nitidez no periódico, sem a necessidade de releituras.

Ainda sobre esta temática, é oportuno dizer que a grande mídia através de seu espetáculo, “se apropria de diferentes léxicos para tentar colocar dentro de si todos os léxicos, a serviço de objetivos particulares” (MORAES, 2016. p. 115). Moraes nos mostra que termos e expressões comumente pertencentes ao tradicional léxico da esquerda como reforma, inclusão, transformação social, revolução “foram usurpadas pelo conservadorismo e ressignificadas pelos argumentos pró-mercado, sobretudo no auge da hegemonia do neoliberalismo, nas décadas de 1980, 1990 e parte de 2000” (MORAES, 2016. p. 115).

O contexto caracterizado por uma adoção do neoliberalismo sem mediações (MARTINS, 2016) nos anos de 2016, baseada na criminalização do governo petista a toda maneira, entrelaçada na deslegitimação do segundo mandato de Dilma Rousseff e na caçada ao Lula, supõe a troca do comando do Executivo para assim, poder acatar a um conjunto de reformas, desejadas pelo empresariado e partidos políticos, que não se apresentam como *reformistas* perante os anseios da população brasileira. A reforma da previdência além de forçar trabalhadores a contribuir por ainda mais tempo para conseguir sua aposentadoria integralmente e empurrá-los para o sistema privado de contribuição (leia-se crédito para os bancos), encobre os rombos causados pela desvinculação de recursos do orçamento anual da Seguridade Social para o pagamento, principalmente, de superávit primário, através da DRU (Desvinculação de Receitas da União). Ademais, a reforma trabalhista, que aprecia a liberdade de negociação entre os empregados e empregadores de maneira individual, sem a necessidade de sindicatos

para discutir sobre as férias, décimo terceiro salário, tenta silenciar a organização trabalhista em prol dos interesses do empresariado, dando amplas vantagens para este último explorar ainda mais seus empregados.

O certo seria usar o termo “contrarreforma”, pois se refere ao oposto do que faz supor a ideia de reforma para transformação social: privatizações, desestatizações e desregulamentações. A “reforma” almejada é para privilegiar o capital e o mercado, cortar investimentos públicos, suprimir direitos trabalhistas, concentrar ainda mais a riqueza e a renda e enfraquecer o papel social do Estado (MORAES, 2016. p. 115).

Dessa maneira, essas reformas se configuram, na verdade, como contrarreformas capazes de suprimir as ações efetivas do Estado de Bem-Estar social, em prol de uma articulação mercadológica que permitirá a retomada do crescimento e da concentração de renda das famílias da elite burguesa, perpetuando sua hegemonia dentro do bloco histórico. Dentre essas famílias, uma das mais interessadas os Marinho, relatam⁹ em seu site de notícias G1, no dia 24 ago. 2016, que a DRU, aprovada pelo senado na mesma data em seu formato de proposta de emenda à Constituição que a prorrogará, portanto, até 2023 “é considerada essencial pelo governo Michel Temer, para evitar o engessamento das despesas previstas no Orçamento, já que a grande maioria dos recursos arrecadados tem gasto vinculado, por determinação da legislação brasileira”.

De fato uma prioridade para o governo do PMDB e para a base governista no congresso que com rapidez, num curto período de presidência interina, Michel Temer e seus aliados conseguiram a aprovação, na Câmara e no Senado, para continuidade das desvinculações da DRU até 2023, em conformidade com a proposta de reforma da previdência denominada “deficitária”.

4.2. Período que antecedeu a abertura do processo no Senado

No dia 17 abr. 2016, a Câmara dos Deputados instaurou o processo de impeachment. Através do voto, os deputados aprovaram o processo, que seguiu para sua abertura no Senado com a aprovação de mais de 2/3 dos deputados. 367 votaram a favor e 137 foram contra instauração do processo. Os números representam a notável organização dos partidos políticos, que a partir de suas bases governistas polarizadas, impuseram uma voz unificada na votação pelo impeachment, capaz de legitimar o

⁹ Disponível *online*; ver Fernanda Calgaro e Gustavo Garcia “Senado aprova PEC que prorroga DRU até 2023; texto vai à promulgação” *G1* 24 ago. 2016.

processo e leva-lo ao Senado. O momento que parecia mais difícil de se congregarem foi um sucesso para os golpistas, levantando a confiança daqueles que ainda tinham algumas dúvidas sobre a articulação de ruptura democrática em curso.

No mesmo dia em que foi votado pela Câmara, o jornal *Folha de São Paulo* tirou um espaço para avisar os seus leitores sobre a “inépcia gerencial” de Dilma, pois “O PIB recua, a inflação corrói salários, o desemprego aumenta, o crédito diminui; nenhum desses efeitos ocorreu sem que o dedo de Dilma estivesse entre as causas. Seu apetite intervencionista e sua inépcia gerencial arruinaram estatais” (Folha de S. Paulo, 17 abr. 2016. Opinião, p. A3). O *Folha* coloca o “dedo” de Dilma em todas as causas da recessão, desemprego, corrupção, mas não nos mostra como de fato esse dedo causou tudo isso. Apenas se utiliza de um discurso da *personificação* acusatório, como uma tentativa de culpabilizar a presidenta, como também ocorre em outra matéria no mesmo dia; “Veja os erros que levaram a presidente Dilma ao inferno político de enfrentar o impeachment” (Folha de S. Paulo, 17 abr. 2016. Poder, p. A7, grifo nosso).

Suas decisões político-econômica podem não ter sido como desejavam as elites, que, portanto, assumiram o papel deslegitimador de oposição dizendo que os “erros” anteriores que levaram o país a esta crise não poderiam ser cometidos novamente.

Muitas políticas erradas foram bancadas ao longo do tempo. Mas, olhando para frente, o importante é entender que, hoje, não basta corrigir. Vamos fazer um ajuste da política econômica, buscar austeridade fiscal, uma política monetária prudente, deixar o câmbio flutuar, subir um imposto aqui e outro ali. Esse ajuste fiscal clássico não funciona mais (O Globo, 17 abr. 2016. O País, p. 22).

É hora de algo novo para recolocar o país na rota do crescimento econômico, mas que dialogue com as exigências dos vários setores do mercado, como no trecho da matéria do *O Globo* acima, e no do jornal *Folha* a seguir. Ambos caracterizados pelo discurso do *mercado*. Em entrevista com Setubal, presidente do Banco Itaú na época, o periódico apresentava a mesma perspectiva de pensamento, com a matéria intitulada: *Volta do crescimento é foco de empresários*.

Economia pós Dilma: o que os principais setores da economia pedirão a Temer [...] Crédito para produção com taxas baixas; liberação de pelo menos 750 milhões em seguros para o seguro agrícola; flexibilização das leis trabalhistas; permitir terceirização para todas atividades (Folha de S. Paulo, 18 abr. 2016. Economia, p. A18).

Passada a votação na Câmara, o nível de confiança alto com o andamento do processo no Senado abriu espaço para matérias que versavam sobre as novas

possibilidades de governabilidade econômica que “Temer” enfrentaria descartando aos poucos a presidenta. A ênfase não é mais apenas no “desastroso” comando petista, mas agora passa a se questionar como Temer fará para tratar a alta do desemprego, a inflação e a recessão, dados que “assombram” o país. Para *O Globo*, “Os erros do governo foram grandes demais e o caminho de volta será árduo. Não há mágica na economia” (*O Globo*, 18 abr. 2016. *O País*, p. 26). Mas se acatar as exigências do empresariado, que “pede reformas impopulares em seis meses” como apresenta matéria do jornal *Folha*; se “flexibilizar leis trabalhistas e mudar previdência.” (*Folha de S. Paulo*, 18 abr. 2016. *Economia*, p. A18) como quer o setor produtivo, talvez acessará o caminho menos turbulento para solucionar a crise.

Tudo isso foi publicado do dia 17 de abril ao dia 18 de abril de 2016. Dois dias, 6 matérias diferentes, alinhadas na mesma lógica mercantil empresarial, que mesmo abordando sobre o desemprego, apenas trazem os dados para enfatizar a necessidade da implementação da agenda reformista neoliberal, e de uma política econômica ao “sabor do mercado”.

Após a instauração do processo de impeachment pela Câmara dos Deputados, formou-se uma comissão especial no Senado para determinar a abertura, ou não do processo na casa. Essa fase iniciasse, portanto, após o dia 17 abr. 2016, e se estende até o dia 12 mai. 2016, dia em que a Comissão especial aprovou abertura do processo de impeachment no Senado, afastando a presidenta Dilma de seu cargo, e colocando Temer como presidente interino do país. Mesmo sendo o período mais curto dos três, acreditamos ser um dos mais importantes para a análise dos dados e resultados desta pesquisa, visto que nesse momento a figura do vice-presidente começa a ganhar notório destaque em comparação a Dilma, que aos poucos é distanciada dos holofotes. No caso do desemprego, que antes aparecia, principalmente, confrontado com a inflação e a recessão, como dados negativos que atestavam os “erros” cometidos pelo governo petista, agora também possuía outros destaques, que buscavam enfatizar os trabalhos que Michel Temer e sua equipe tinham pela frente para solucionar a problemática do desemprego. Mesmo com as previsões negativas de que:

O desemprego deve seguir aumentando, e a renda cairá mais, afirma economistas e planejadores financeiros. [...] a taxa de desemprego superou os 10% e não há sinal de que ela poderá parar de subir, de acordo com Fábio Silveira, diretor de pesquisa econômica da GO Associados. (*Folha de S. Paulo*, 25 abr. 2016. *Folhainvest*, p. A15).

Havia um ar de “otimismo” com a possível destituição imprecisa de Dilma Rousseff, e com Temer no comando, que poderia levar diretamente a uma efetiva melhora nas taxas de desemprego. “Temer apontou para o desemprego como o problema mais urgente no país, no momento” (O Globo, 23 abr. 2016. Opinião, p. 4). “Temer tem dito que, na economia, sua maior preocupação é com o desemprego” (Folha de S. Paulo, 27 abr. 2016. Poder, p. A5). Mas uma melhora nas taxas não ocorreu de fato.

Dados de 2017, divulgados pelo IBGE por meio da Pnad contínua nos mostram que o desemprego subiu para 13,7% no trimestre que começa em Janeiro e termina em Março de 2017. Houve uma subida de 1,8 pontos percentuais em relação ao trimestre em que Temer assumiu como Presidente da República. Em setembro, outubro e novembro de 2016 a taxa de desemprego foi medida em 11,9%. Se comparado ao trimestre de Janeiro a Março de 2016 em que a taxa de desocupação dada pelo IBGE foi de 10,9%, há uma diferença de 2,8 pontos percentuais. É possível extrair dessa breve análise que o desemprego subiu 0,9 pontos percentuais de janeiro a agosto de 2016. E de setembro de 2016 a março de 2017, subiu o dobro, equivalente a 1,8 pontos percentuais. Ou seja, após Dilma ser impeachmada, a taxa de desemprego ascendeu mais ainda, atingindo mais uma vez a maior taxa da série do indicador iniciado em 2012.

Por mais que houvesse um certo otimismo, os dois jornais não abstiveram do seu papel (des)informador; continuaram a tecer críticas de oposição ao segundo mandato de Dilma através dos dados sobre o desemprego, bem como através dos argumentos reformistas, alimentando um senso comum pró-impeachment e abrindo alas para as reformas, pautando os novos interesses da agenda política brasileira após a ruptura democrática, cumprindo estritamente aquilo que foi delegado.

No dia, 21 abr. 2016, o *Folha de São Paulo* apresenta o título: *Demissões Batem Recorde e desemprego chega a 10%*. O seguinte trecho extraído da matéria que diz que “A disparada do desemprego é fruto da recessão iniciada em 2015, no segundo mandato de Dilma Rousseff” (Folha de S. Paulo, 21 abr. 2016. Capa. P. A1) caracteriza-se claramente por dois discursos: *personificação* e *extraordinário*. O teor e a utilização da palavra recorde nos remete a algo inédito, jamais visto. E essa imagem da margem a interpretações diversas da realidade, sem dar a devida atenção ao leitor sobre a origem desse recorde, que diz respeito a maior índice de desocupação da série iniciada pelo

IBGE em 2012. Portanto, diz respeito a uma determinada pesquisa, a um determinado dado, que teve seu início recentemente. Ou seja, um recorde que se restringe ao período de 2016 a 2012. Além disso fica nítido no conteúdo o discurso da *personificação* quando o periódico faz questão de dizer que a “disparata do desemprego” se iniciou no segundo mandato de Dilma Rousseff, com a recessão em ordem. Utilizando-se, portanto, dos mandatos de Dilma como referência cronológica para dizer: *olha, sabe esses dados aí que vocês estão vendo? frutos do segundo mandato de Dilma Rousseff.*

O jornal *O Globo*, revestido de um discurso da *personificação*, traz a opinião de Paulo Skaf, o presidente da FIESP (Federação das Industrias do Estado de São Paulo): “a presidente perdeu o controle sobre o país e levou a economia à atual crise. – Não vejo como ela recuperar essa situação: com PIB em queda, desemprego em alta e a total falta de apoio político – disse Skaf” (*O Globo*, 19 abr. 2016. Economia, p. 24).

Atestando a ingovernabilidade da gestão petista a seu modo, ambos os jornais trazem a visão unívoca de certos *especialistas* que concordam com o processo de impeachment e que usam da alta do desemprego, queda do PIB – Produto Interno Bruto, da falta de base governista no poder legislativo para justificar o impeachment, que foi processado por outros motivos. Articulam de maneira exacerbada o fim do governo petista como se os fins justificassem os meios. Amparados por Maquiavel que diz na sua obra *O Príncipe* que “os meios serão sempre julgados honrosos e por todos louvados, porque o vulgo sempre se deixa levar pelas aparências e pelos resultados, e no mundo não existe senão vulgos; os poucos não podem existir enquanto os muitos têm onde se apoiar.” (MACHIAVELLI, 2017 p. 107); criam um cenário aparente, possível de enganar a população, que descrente da velha política, e pouco articulada enquanto classe se apoia no senso comum formalizado pela mídia hegemônica, que além de nos bombardear com seu conteúdo midiático sensacionalista, opina por todos como se fosse a voz do povo.

Nesse contexto, não poderiam ficar de fora as matérias *reformistas* que também ganharam destaque no período. Pois além de opinar por todos, a mídia hegemônica escolhe as pautas induzindo a opinião pública ao convencimento “de que só tem relevância social aquilo que se expõe em telas e monitores.” (MORAES, 2016. p. 115) E seguindo esta lógica, os holofotes deveriam mirar, justamente, nas reformas que

Temer procurou implementar ao assumir o cargo da presidência, para dar visibilidade as pautas e alimentar uma *falsa* opinião em prol das mesmas.

O Globo, em abril, cita uma afirmação de Alckmin governador do estado de São Paulo pela sigla PSDB em que diz:

[...] o país está passando por gravíssimos problemas em todas áreas, principalmente na economia, com o agravamento do desemprego, e o PSDB não pode virar as costas para a crise: – Daremos sim sustentação parlamentar para o governo Michel Temer, votando e apoiando todas medidas que acharmos necessárias para o país, dentro de um quadro de amplas reformas. (*O Globo*, 24 abr. 2016. *O País*, p. 7).

Adiantando apoio ao *possível* governo Michel Temer, Alckmin demonstra o interesse de seu partido com o quadro de “amplas reformas”. Capazes de desarticular direitos dos trabalhadores em prol dos interesses do mercado, buscando simplificar os contratos de trabalho, estender jornadas, terceirizar todas as atividades, prolongar a aposentadoria, permitir inclusive atividades análogas ao trabalho escravo como a atividade laboral em troca de alimento e moradia no âmbito rural, como vem sendo discutido pelos deputados no que tange a Reforma Trabalhista. Portanto, uma verdadeira ofensiva sobre as legislações trabalhistas, a previdência social, ao mundo do trabalho especificamente.

Já o *Folha*, nos trás a voz dos *especialistas*:

Segundo três economistas ouvidos pela Folha, a tendência para os próximos meses é de piora. Até que um possível governo de Michel Temer (PMDB) coloque em prática uma reforma fiscal, as empresas continuarão sem contratar e outras tantas manterão as demissões (*Folha de S. Paulo*, 30 abr. 2016. *Mercado*, p. A23).

O *Folha* é mais cauteloso no sentido de alertar sobre o “possível” governo Temer, mas ainda articula da mesma forma que *O Globo* sobre a necessidade de “colocar em prática” o quadro de reformas. Se não houverem, as empresas continuaram contribuindo com as taxas de desemprego, sem contratar e demitindo seus funcionários. Ambos apresentam visões semelhantes baseados em seus intelectuais orgânicos, que reproduzem o capitalismo como “pressuposto indiscutível e ‘natural’ da economia” (Moraes, 2016. p. 117). O autor apresenta a ideia de que:

[...] vozes contrárias ao neoliberalismo são descartadas em detrimento de especialistas que examinam o cenário econômico com as lentes das taxas de juros, do superávit primário, da rentabilidade das grandes empresas e investidores, dos ganhos com bolsas e aplicações financeiras (Moraes, 2016. p. 117).

A opinião em voga não é a dos brasileiros, mas de uma parcela minoritária que transmite seus interesses como interesse geral da população baseados nas opiniões de *especialistas*, buscando enfiar suas reformas goela abaixo.

O Desemprego aparece como “crescente” no *Folha de São Paulo* “em uma economia que terá encolhido uns 10% de 2014 a 2016. Os serviços públicos que dependem o povo miúdo, a maioria estão depauperados e arrochados por anos.” De fato o serviço público brasileiro vem perdendo investimento, e carece de hospitais, centros de atendimento, CRAS – Centro de Referência de Assistência Social, CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social, postos de saúde, escolas públicas, universidades dentre outros. Entretanto, a ampliação do SUS – Sistema Único de Saúde nos últimos anos e a criação do SUAS – Sistema Único de Assistência Social em 2005, permitindo a descentralização territorial da assistência social que atingiu municípios que antes não haviam centros de referência ou outras entidades com assistentes sociais habilitados a incluir a população em programas da Política de Assistência Social foram avanços que não devem ser descartados de maneira simplória.

O número de CRAS e CREAS em 2005 era de 1.978 e 314 respectivamente. Em medição feita em Agosto de 2013 (COLIN, JACCOUD, 2013), este número subiu para 7.507 CRAS em 5.527 municípios e 2.318 CREAS em 2.073 municípios, totalizando um número 4 vezes maior do que no início do SUAS, sem contabilizar outros equipamentos públicos e novas modalidades que estão sendo implementadas. Outra consideração importante, com base em Colin e Jaccoud (2013), é dizer que a política de assistência social em 1995 “contava com recursos públicos federais da ordem de 0,08% do PIB” (p. 52). E que 15 anos depois, em 2010, esse mesmo recurso resultou em 1,08% do PIB nacional. Um orçamento de mais de 49 bilhões para a Assistência Social em 2016, de acordo com a Resolução CNAS N° 10, de 4 de Agosto de 2015 – Conselho Nacional de Assistência Social.

Aproximando-se do dia em que a Comissão Especial do Senado aprovou abertura do processo de impeachment que levou Michel Temer a presidência interina, as matérias passaram a coloca-lo como o centro das atenções, deixando de enfatizar o desemprego e a inflação negativamente. O título *Os 4 alvos de Temer para reativar a economia* apresentado pelo jornal *Folha* no dia 08 mai. 2016 é emblemático nesse sentido, pois já apresenta Temer como a figura que vai “reativar a economia”, a solução

para os problemas da elite nacional. O periódico *O Globo* aproveita o momento e já salienta Temer pela abertura econômica ao setor privado como possibilidade para reativar a economia:

Para trazer de volta o mercado o batalhão de 11 milhões de desempregados, Temer e sua equipe terão o desafio de fazer a economia voltar a crescer. Para isso, um dos principais eixos serão as privatizações. A ideia é transferir para o setor privado tudo que for possível na infraestrutura (O Globo, 08 mai. 2016. O País, p. 22, grifo nosso).

Enquanto Temer é tratado junto de sua equipe muitas vezes, Dilma em contrapartida, é colocada como um *lobo solitário*. “A presidente Dilma cavou o buraco econômico no qual o país entrou e que levou a estes que podem ser seus últimos dias de governo. Ela fez escolhas, tomou decisões, implantou políticas que causaram recessão, inflação alta, rombo fiscal e desemprego.” (O Globo, 08 mai. 2016. Economia, p. 36)

Apesar da onda negativa, a luz no fim do túnel está próxima como mostra matéria no *Folha de São Paulo*:

A taxa de desemprego atingiu 10,9%; 409 empresas pediram falência ou concordatas [...] a produção industrial despencou 11,7% em relação a igual período do ano passado [...] Essa soma de indicadores ruins poderia indicar que a doença da economia brasileira está mais para depressão – enfermidade ainda mais grave – do que para recessão. Mas o retrato muito negativo esconde sinais incipientes de que talvez tenhamos atingido o fundo do poço. Na linguagem de economistas, há indicadores de estabilização no horizonte (Folha de S. Paulo, 04 mai. 2016. Mercado, p. A16).

O período de queda parece ter chegado ao seu fim, como preveem alguns economistas escolhidos.

4.3. Período que antecedeu a votação pelo impeachment de Dilma no Senado

Após a aprovação da Comissão Especial do Senado, Michel Temer assumiu como Presidente interino até o fim do processo, que se encontrava em seu último estágio a ser votado pelos senadores. Estes tomariam a decisão final sobre o impeachment da presidenta, já afastada nesse momento por até 180 dias.

Nesse período, a mídia hegemônica, com base nos periódicos escolhidos para essa pesquisa, já traz a figura de Temer como o elemento central no debate sobre desemprego e os “desafios” que teria pela frente assumem a prioridade nas notícias. Mesmo ainda deixando clara as “heranças” dos governos “lulo-dilmista”, esses jornais

procuraram enfatizar o “*dream team*” de Michel Temer, e as propostas do novo governo para solucionar os problemas econômicos do país.

Um período longo, que começa após o dia 12. mai. 2016 e termina no dia 31. ago. 2016, dia em que Senado votou o Impeachment. Entretanto, os dois últimos meses, julho e agosto já não possuem aquele mesmo ritmo que fora relatado nos dois períodos anteriores. Ganha notável destaque portanto, o mês de maio e de junho pelo alto número de matérias encontradas com os localizadores da pesquisa.

Se inicia esse período com o “desafio do peemedebista Michel Temer, 75, que se tornou na manhã desta quinta feira (12) o 41º a ocupar a presidência da república do país” (Folha de S. Paulo, 13 mai. 2016. Caderno Especial, p. B01). Em um discurso do mercado o jornal *O Globo* traz o título na mesma data: *Temer acena ao mercado e diz que objetivo é reduzir atuação do Estado*. Na mesma matéria o periódico mostra que Temer “apontou como maiores objetivos a redução do desemprego, aumento do rigor fiscal e enxugamento do Estado por meio de parcerias com setor privado” (O Globo, 13 mai. 2016. O País, p. 4). O argumento apresentado pelo jornal e pelo presidente interino é um claro avanço das instituições neoliberais no Estado brasileiro. Resultando em um governo capaz de cortar despesas estatais para investir no setor privado, privatizando a saúde pública, a educação, a assistência social, levando os investimentos de base para o âmbito do mercado, transformando direito em mercadoria, com o apoio da mídia hegemônica, que vê o setor privado como a solução para todas as questões.

O jornal *Folha de São Paulo* vê uma melhora na economia pro próximo trimestre, criando um clima de estabilidade político-econômica.

O elevadíssimo custo social na forma de desemprego e perda de produto, que a sociedade já pagou até o momento, sugere que nos próximos trimestre o ciclo econômico será favorável: a inflação vai cair, a taxa Selic deve iniciar um ciclo de baixa na virada de 2016 para 2017 e a economia deve voltar a crescer no segundo semestre do ano que vem (Folha de S. Paulo, 15 mai. 2016. Mercado, p. A28).

O mesmo argumento de “chegamos no fim do poço”, pior que isso não fica. Essas são as previsões dos *especialistas* que se utilizam dos dados para prever o futuro do desemprego, do PIB, da economia. Um argumento aliado ao discurso do mercado, em que a mídia faz seu papel empresarial mostrando a realidade através das lentes do mercado.

“[...] se observa uma incrível similaridade entre os periódicos, consentânea às características da mídia: seu caráter empresarial, o que implica relações patronais; a representação dos estratos médios e do ‘Capital Global’; e sua atuação político/ideológica, derivado do seu papel como ‘aparelho ideológico’” (FONSECA, 2011. p. 61).

Fonseca, ao analisar o direito de greve na Constituição Federal de 1988, também percebe uma unidade entre os periódicos, assim como nessa pesquisa percebe-se o alinhamento ideológico de seus respectivos conteúdos. Servindo como um aparelho privado de hegemonia para a elite burguesa, o perpetuador das ideias do modelo dominante, também segue a lógica patronal.

Seguindo a mesma retórica, *O Globo* enfatiza que o esforço de Temer “devera ser redobrado”. Pois este é a solução para “tirar o país de sua grave situação econômica, reduzir drasticamente o desemprego, criar uma expectativa de progresso social, assistir aos mais necessitados e ao, mesmo tempo, mostrar-se novo [...]” (*O Globo*, 16 mai. 2016. Opinião, p. 14). Deverá portanto atender aos mais pobres, mas também se mostra novo em relação ao econômico, como uma mudança na direção. O *Folha* também deu seu palpite:

[...] é preciso atacar em três frentes. Primeiro, garantir a continuidade da Lava Jato. O Brasil e o mundo não suportam mais a corrupção. Segundo, reequilibrar as contas públicas, afastando de vez os temores de insolvência que geram insegurança e travam investimentos. Terceiro, é indispensável encaminhar as reformas estruturais como a previdência, a tributária, a trabalhista e a política (*Folha de S. Paulo*, 17 mai. 2016. Opinião, p. A3).

O discurso do *mercado* alinha os dois periódicos que *personificam* na figura de Michel Temer, a solução para o país. Pois com sua entrada, a base aliada na Câmara e no Senado permitirá a aprovação de suas propostas reformistas, capazes de desarticular a classe trabalhadora e intensificar a exploração sobre essa. Os periódicos sabem que:

O presidente Michel Temer é um homem aberto ao diálogo, que compreende o momento histórico em que assume os destinos da nação. Uma agenda de reformas será implantada. São mudanças no arcabouço institucional do país pelas quais clama o setor privado há pelo menos duas décadas. Precisamos das reformas previdenciária, trabalhista, tributária e política. [...] É muito bom ouvir o ministro Meirelles falar em teto de gastos. (*O Globo*, 17 mai. 2016. Opinião, p. 15).

O animo no setor privado está noticiado pelos dois jornais. A expectativa pelas clamadas reformas nunca esteve tão alta. Em um clima de baixa legitimidade, entretanto com apoio da grande mídia e do setor produtivo, Temer buscará impor de qualquer

maneira suas mudanças estruturais da máquina pública, o mais breve possível, pois sua estabilidade no cargo estará em cheque até as próximas eleições de 2018. Com o seu envolvimento e de seus companheiros de partido em casos que estão sob investigação da Polícia Federal, é capaz que ele não consiga terminar o seu curto e ilegítimo mandato.

O periódico *O Globo* já fala como porta-voz da sociedade brasileira, que aguarda “apreensiva” por mudanças significativas. Para o jornal:

A assunção do vice-presidente Michel Temer à Presidência da República inaugura uma nova etapa na condução dos negócios públicos no país. Isso num momento de tensas expectativas da sociedade brasileira, que – dividida e frustrada em face dos recentes e graves acontecimentos e penalizada pelo desemprego e pela queda na renda como consequência da forte e prolongada recessão e da galopante inflação – aguarda apreensiva mudanças significativas, tanto no processo político quanto na economia, que possibilitem restabelecer a ética na atividade política e retomar o crescimento com estabilidade (O Globo, 18 mai. 2016. Opinião, p. 19).

Nesse sentido, o periódico exprime a *opinião pública* de uma sociedade frustrada com os acontecimentos do governo anterior, e *personifica* em Temer a “nova etapa na condução dos negócios públicos do país”. Afinal, quem mais poderá segurar as taxas de desemprego com previsões de subir ainda mais se não o Temer. Visto que para Meirelles, Ministro da Fazenda do governo Temer, em matéria publicada pelo *Folha de São Paulo*, “o governo Dilma deu pouca atenção à questão do emprego” (Folha de S. Paulo, 17 mai. 2016. Mercado, p. A15).

Ainda no mesmo discurso da *personificação*, o jornal *O Globo* ilustra positivamente a equipe de Michel Temer. Se utilizando de um termo Estadunidense para descrever o time dos sonhos nos esportes, enfatiza a necessidade de acalmar a população sobre medidas impopulares que surgirão com o novo comando do poder executivo.

Temer começou com o *dream team* da economia e da Petrobras, e tem pouco tempo para reduzir a curva do desemprego que assola o país. Tal missão está longe de ser simples e óbvia. O governo precisa fazer campanha para explicar aos que ignoram a importância dessas medidas antipopulares. É a chance de termos continuidade da política que me parece ser a correta. (O Globo, 22 mai. 2016. Opinião, p. 17).

Notavelmente, o jornal já alerta para as possíveis mudanças impopulares, propostas que não ganharam as eleições. Portanto, as propostas que perderam nas urnas, ganham força diante do novo e ilegítimo governo, capaz de silenciar a população em

contrapartida de suas medidas impopulares. Mas para acalmar os ânimos, o *Folha* apresenta um discurso do *mercado* revestido de previsões. Mesmo sabendo que “as estimativas são de que a coisa pare de piorar em algum momento do segundo semestre”, pesquisas de opinião realizadas em maio apresentam um “salto mais animado das expectativas de consumidores e empresários, provocado pela esperança de que a troca de governo deixe a crise pra trás [...]” (Folha de S. Paulo, 27 mai. 2016. Mercado, p. A11). Outras previsões, dessa vez do *O Globo*, trazendo a voz do economista:

A esperança é de que o desemprego pare de subir no fim deste ano com algum alívio na economia, como a queda da inflação, aumento da confiança, e, provavelmente, redução da taxa de juros. Mas para voltar a crescer a oferta de emprego será necessário recuperar a confiança dos empresários e dos consumidores [...] Com Temer no poder, o desemprego pode cair e voltar a um dígito, porque haverá crescimento do PIB. Já se Dilma voltar à Presidência, projetamos uma retração de 2,5% no PIB de 2017, o que poderia levar o desemprego a uma taxa de 17% – afirmou. (O Globo, 01 jun. 2016. Economia, p. 20).

Este último fragmento traz um recorte pra cada um dos três discursos identificados pela pesquisa. É possível identificar o discurso da *personificação*, que trata o desemprego com base nas duas figuras, Dilma e Temer. As previsões mostram que caso Dilma não seja impeachmada, a taxa de desemprego pode chegar a incríveis 17%, o que demonstra um tom *extraordinário*. Enquanto, “com Temer no poder” o desemprego pode cair e voltar a um dígito. Baseado em previsões do mercado, seguindo a lógica dos intelectuais orgânicos da mídia hegemônica, a matéria apresenta o discurso do *mercado* como um diagnóstico político econômico, para atestar que, com Temer no poder, o desemprego pode reduzir notavelmente, enquanto com Dilma, esse pode chegar a números que impressionam. Claramente induzindo o leitor a percepção negativa do segundo mandato de Dilma Rousseff.

Para o presidente interino Michel Temer, “erros foram cometidos, levando o país a uma grave crise econômica” (O Globo, 02 jun. 2016. O País, p. 8). Temer, que foi vice-presidente de Dilma, nos dois mandatos consecutivos, “diz nao ser responsável por resultados negativos” (Folha de S. Paulo, 02 jun. 2016. Poder, p. A5) e “reclamou” da “herança” que recebeu. Os dois jornais, no mesmo dia trazem a “Herança de Dilma”, e a defesa de Michel Temer dizendo-se herdeiro das contas públicas deficitárias, que ele próprio participou como vice-presidente.

Portanto, é dessa forma que os dois periódicos apresentam as duas figuras, separam o joio do trigo para criar um cenário binário: de escassez e ilegitimidade para Dilma; de expectativas positivas e governabilidade para Temer. Criando um ambiente favorável para o novo governo, que permitirá a imposição de medidas impopulares para sanar o desemprego, e a crise.

Agora mesmo, nos gabinetes do congresso, o que já se ouve são reclamações sobre a ideia de limitar o crescimento dos gastos. Cada um querendo preservar sua área de cortes. Deveriam olhar para o rombo deste ano e pensar um pouco mais. Enfim, esta turma precisa encarar a realidade de terra arrasada deixada pela administração petista. Não dá mais para viver no mundo dos sonhos enquanto o desemprego cresce. É hora de falar sério (Folha de S. Paulo, 13 jun. 2016. Opinião, p. A4).

No trecho, o *Folha* através de um discurso do *extraordinário* ridiculariza a administração petista, como se estivesse vivendo no “mundo dos sonhos”. Com as propostas do governo Temer, de limitar gastos da saúde, educação e as reformas da previdência e trabalhista, “é hora de falar sério”. Esse ambiente consolidado entre os periódicos se repete inúmeras vezes durante o Anexo I, que criminaliza, desmoraliza e infantiliza o governo de Dilma; e legitima seu vice-presidente como o representante maduro, capaz de atender aos anseios do setor produtivo e do mercado primariamente. Em outro momento, classifica as decisões do governo Dilma “irracionais”, para engrossar o argumento reformista. “[...] é crucial implementar de imediato um plano de reforma administrativa, de revisão de programas e de aumento de eficiência. Não se pode aceitar, sem mais, a atual e arqueológica estrutura da máquina” (Folha de S. Paulo, 19 jun. 2016. Opinião, p. A2).

O jornal *O Globo* já não fala só por si, mas também faz seu papel de porta-voz do presidente interino Michel Temer, juntamente com o *Folha de São Paulo*. Para *O Globo* “Estão no plano de Temer ainda a flexibilização das leis trabalhistas, para permitir superar a crise do desemprego no país, e também a reforma política, que ele acredita ser possível aprovar sem fazer grandes malabarismos[...]” (O Globo, 22 jun. 2016. O País, p. 4)

O setor privado almeja a flexibilização das leis trabalhistas, da previdência para a retomada do lucro numa economia que está estagnada. E pra isso, implementa seus interesses através de argumentos, veiculados pelos grandes meios de comunicação que partilham dos mesmos interesses, por funcionarem como entidades comerciais que

comercializam notícias e empregam muitos funcionários, e que portanto, exploram de sua mão de obra contratada para aferir a mais-valia e, conseqüentemente, o lucro.

Os meios de comunicação estudados relatam as necessidades de mudança, no sentido de que essas poderão ser a solução para o desemprego, a volta do poder de compra e da confiança da sociedade. Para isso, incluem a fala de Temer diversas vezes para criar uma unidade de apoio as suas propostas, já ditas impopulares, mas que agradam especificamente ao *mercado*:

A coisa mais desagradável é você ouvir, como governante, que há mais de 11 milhões de desempregados. Uma das experiências desagradáveis, e eu pude ouvir, foi de pessoas que encontraram famílias inteiras desempregadas – disse Temer. – Para ter emprego é preciso que a iniciativa privada aja, tenha sucesso na atuação. Só vai ter emprego se os setores produtivos funcionarem. Mas os setores não são apenas os guiados pelos empresários, eles são a composição harmoniosa entre empresários e trabalhadores. (O Globo, 01 jul. 2016. Economia, p. 19).

Em nenhum momento os periódicos apresentaram uma tese de Dilma sobre o desemprego, ou algo que relatasse a sua preocupação com o fato, pois para eles “[...] a política escolhida (*por Dilma*) desatou o terror do desemprego e derrubou a renda dos empregados.” (Folha de S. Paulo, 02 jul. 2016. Opinião, p. A2) – Discurso da *Personificação*. Enquanto isso, Temer aparece diversas vezes, até mesmo escrevendo matérias de autoria própria. Lançando no ar sua ingratidão com a “desagradável” taxa de desocupação com mais de 11 milhões de desempregados. O que realmente é agradável é a atuação da iniciativa privada, e a “composição harmoniosa” entre empresários e trabalhadores capaz de erguer o desemprego das cinzas, como na fala de Temer exposta pelo periódico.

Para *O Globo*, o momento “harmonioso” aprecia indicadores positivos dando sinais de estabilidade:

Alguns indicadores começam a melhorar. A produção industrial mostrou estabilidade, depois de dois meses de recuperação, produzindo o melhor trimestre desde 2012. O desemprego permanece alto, mas a última pesquisa do IBGE captou uma desaceleração das demissões. A confiança das empresas e consumidores tem tido discretas melhoras (O Globo, 03 jul. 2016. Economia, p. 30).

Vai chegando ao fim do processo de Impeachment, e os números vão indicando melhoras nos setores produtivos. Mesmo com o desemprego em alta, com previsões de subir ainda mais nos próximos meses, o que se tem é uma “confiança” com “discretas melhoras”, digamos quase imperceptíveis. Sérgio Vale, empresário entrevistado pelo *O*

Globo prevê que “desemprego vai piorar antes de começar a melhorar e levará mais tempo para se recuperar. Ele acha que a taxa de desocupação pode chegar a 13% em 2016, cair para 8,5% no final do ano que vem, fechando 2018 em 6%” (O Globo, 13 jul. 2016. Economia, p. 24). Apesar da previsão de queda contínua mesmo com Temer no governo, já há uma luz no fim do túnel para o desemprego nos próximos anos, que pode chegar a 6% como afirma o economista. As previsões num curto período ainda são difíceis de se apresentar como positivas, mas aos poucos se cria um ambiente de estabilidade. Para o periódico *Folha* em matéria intitulada: *Otimismo Cauteloso*; “acumulam-se sinais de que após dois longos anos, a recessão que assola o país esteja próxima do fim. Com o impulso de fatores externos e domésticos, a confiança de empresários e consumidores ganha corpo e prenuncia tempos melhores adiante” (Folha de S. Paulo, 17 jul. 2016. Opinião, p. A2, grifo nosso).

Na mesma data, foram divulgados dados pelo Instituto Datafolha, que entrevistou uma amostra da população para reconhecer o nível de otimismo e confiança em temas centrais como desemprego, inflação. “Pesquisa também mostra que entrevistados preferem Michel Temer na Presidência à volta de Dilma [...] É o maior índice de otimismo medido pelo instituto desde dezembro de 2014” (O Globo, 13 jul. 2016. Economia, p. 24). No mesmo dia, o *Folha* traz o título: *Otimismo com economia tem melhor patamar desde 2014*. “Brasileiros estão confinantes em relação à inflação e ao desemprego” (Folha de S. Paulo, 17 jul. 2016. Poder, p. A4, grifo nosso).

Com base no discurso do *mercado*, os dois jornais apresentam a mesma visão sobre a pesquisa realizada pelo Datafolha, pertencente ao Grupo Folha, em que versa positivamente sobre as expectativas do futuro do país, com Temer no comando. Solidificando o apoio político e sua legitimidade no cargo, para implementação da agenda neoliberal de forma ampla e de cima pra baixo, em uma população anestesiada e próspera.

Ao se aproximar do dia em que o Senado aprovou o impeachment de Dilma, os argumentos se afunilaram em críticas negativas ao segundo mandato de Dilma para pressionar os senadores, deixando de enfatizar o governo Temer como nos trechos anteriores. Para o *Folha de São Paulo*:

Produzir déficit e inflação é um bom jeito de ser fraterno. É uma pena que assim, as pessoas se tornem menos livres e iguais. Vai ver é por isso que todo esquerdismo termina sempre em ditadura ou populismo. No segundo caso, no

pós-populismo, vêm recessão, desemprego e mais pobreza (Folha de S. Paulo, 05 ago. 2016. Poder, p. A8).

O periódico naturaliza déficit e inflação como problemas da “esquerda” e prevê que o mercado de trabalho deve continuar piorando “Apesar dos pequenos brotos verdes aqui e ali” (Folha de S. Paulo, 14 ago. 2016. Mercado, p. SQ4).

Já *O Globo* direto ao ponto espera

que os senadores não faltem ao país e a seus cidadãos, não frustrem nossas esperanças e sacramentem o impeachment de Dilma. Só assim teremos a grande oportunidade de recuperarmos o estrago que o PT e Dilma fizeram na economia, com inflação e desemprego, e na imagem de nosso país (O Globo, 22 ago. 2016. Opinião, p. 11).

Com base nas análises dos períodos, percebeu-se a potência e a voracidade apresentada pela mídia hegemônica nos momentos mais cruciais. Bem como o diferente tratamento pra cada uma das figuras centrais: Dilma e Temer. O avanço das tecnologias da informação reformataram a política, aumentando o poder de influência da mídia em formato eletrônico no processo de estratégia para implementação de projetos societários. E como nos mostra Castells (1999) a crise de legitimidade dos partidos tradicionais atinge a todos setores da política, que procuram, portanto renovar-se.

A direita, a esquerda e o centro precisam direcionar seus projetos e estratégias por um meio tecnológico semelhante se realmente tiverem a pretensão de atingir a sociedade [...] Sustento que tal uso compartilhado da tecnologia propicia a criação de novas regras do jogo que, no contexto das transformações sociais, culturais e políticas apresentados nesta obra, afetam profundamente a essência da política (CASTELLS, 1999. p. 367).

O âmbito da política está intrinsecamente relacionado com o dos meios de comunicações, apesar de não se limitar a esse. Na realidade, a política é legitimada e se legitima no âmbito da mídia, e esta acaba colocando novas regras nas relações sociais e na luta de classes, pois como nos traz Santos (2006. p. 11) “a propriedade dos meios de comunicação pode ser considerada potente instrumento de força eleitoral” como ocorre no país com os parlamentares donos da mídia, por exemplo. Por isso a importância de classificar a mídia como um novo poder, dentre os três poderes da república democrática brasileira, que mais próximo de uns e mais distante de outros, responde a seus interesses próprios através dos seus meios de criação de opinião e imposição de senso comum, influenciando diretamente no processo de decisão política e na formatação de agenda, ditando o que é de interesse comum e o que não interessa, com base nas suas premissas, como uma empresa de grande porte, que se relaciona diretamente com o

âmbito publico e privado: Estado, sociedade civil, empresários, representantes, patrocinadores e colaboradores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desemprego é citado nos periódicos escolhidos diversas vezes como um complemento para contextualizar as matérias que observamos publicadas durante os meses em que se passou a ruptura democrática, aparecendo de maneira predominantemente transversal em variados temas, não assumindo o protagonismo enquanto uma expressão da questão social. Durante os dois primeiros períodos, essas aparições do termo tendem a desqualificar o segundo mandato de Dilma, juntamente com outras palavras que também cumprem a mesma função (recessão e inflação). Enquanto no final do segundo período e no terceiro período majoritariamente, esses termos ganham destaque em matérias que trazem a figura de Temer como o governador capaz de solucionar essas *equações*.

Dessa forma, o termo desemprego dificilmente assume centralidade nas matérias jornalísticas dos periódicos analisados. Na maioria dos casos registrados, ele aparece apenas citado uma única vez durante toda matéria. Esse fato nos levou a concluir que o espaço de debate do desemprego é suprimido pela sua transversalidade, na medida em que o transversal se apresenta cada vez mais difuso; de maneira corriqueira e banal como quando alguém responde a determinado assunto com a retórica: *deve ser por causa da crise*, encerrando o assunto ali mesmo sem ao menos questionar o por quê da tal crise.

Da mesma maneira ocorre quando se trata do impeachment. Pouco se fala sobre os seus motivos, sobre o crime de responsabilidade fiscal, pois os periódicos sabem que as “pedaladas fiscais” não são nenhuma novidade na política brasileira. O mais comum é ver matérias que tratam o governo de Dilma como o único responsável pelo quadro político-econômico e que ela deve sair o mais rápido possível, para a boa estabilidade econômica do país. Criam um clima de tensão, um jogo político que coloca a sociedade apenas como observadora, podendo só opinar, sendo ainda essa opinião restrita e ilegítima se não corresponder com os interesses das grandes corporações. Opiniões divergentes, que apresentam uma visão contra-hegemônica são consideradas perigosas e marginais para os meios de comunicação de massa como a mídia hegemônica, pois o seu papel ideologizante não pode ser outro se não de manter o *status quo* através da

hegemonia da classe burguesa, conservando suas regalias, seu poder, seus interesses enquanto empresa que busca, portanto, mais e mais valor.

A construção da hegemonia na contemporaneidade cada vez mais se baseia em disputas ideológicas e culturais que influenciam e condicionam o imaginário social, a opinião pública, os sentidos de compreensão da realidade e as decisões eleitorais. A conquista do consenso em torno de determinadas visões de mundo torna-se alvo central das batalhas das ideias, travadas entre classes, frações de classes, instituições, grupos, e organismos representativos de múltiplos interesses no interior da sociedade civil (MORAES, 2016. p. 15).

Gramsci caracteriza o conceito de Hegemonia (MORAES, 2016. p.15) como uma liderança ideológica e cultural de uma classe sobre as outras. A hegemonia entretanto não se limita a estrutura econômica e organização política, como já dissemos. Sua essência também diz respeito ao plano ético-cultural. Hegemonia diz respeito a “todo el proceso social vivido, organizado prácticamente por significados, valores y creencias relativamente formal y articulado de un tipo que puede ser abstraído como una *concepción universal* o una *perspectiva de clase*” (WILLIAMS, 2000 , p.130).

A hegemonia, entretanto, não ocorre sem a participação de seus aparelhos privados. Estes fertilizam as ideias dominantes de sua época, e transmitem valores, crenças, pertencentes a um grupo dirigente, que direciona para as outras classes subalternizadas, como valores gerais, pertencentes a todas as classes.

Com o TCC, foi possível compreender que o PT passou por uma crise de hegemonia enquanto classe dirigente. Causada principalmente pela sua aliança com o PMDB, principal mentor do golpe de 2016 juntamente com seus partidos aliados, mais as quatro famílias que representam o oligopólio dos meios de comunicação no país, e variadas camadas do setor produtivo, como a FIESP, que se uniram para deslegitimar o governo petistas. Se expressando através dos meios de comunicação por meio de seus intelectuais orgânicos de classe, através dos partidos, através de manifestações financiadas por grupos empresariais, financeiros e patrocinado pelo Grupo Globo e Grupo Folha.

Um golpe arquitetado, após a reeleição de Dilma, que fulminou em um período de crise político-ideológica, e de crise econômica observável com o súbito crescimento nas taxas de desemprego. Forja-se, nesse momento, uma unidade, uma fusão dos partidos políticos, da mídia hegemônica, e do mercado sob única direção, em prol dos *sacrifícios* que terão de acontecer para dar seguimento aos seus interesses como classe dirigente.

Uma direção “considerada a única capaz de resolver um problema vital dominante e de afastar um perigo mortal” (GRAMSCI, 2016. p. 61).

O Serviço Social como profissão, surge, orientado pela doutrina social da Igreja como uma resposta ao acirramento das contradições oriundas da fase monopolista do capital. O Estado, como um comitê da burguesia, assume o enfrentamento da questão social, como uma forma de controlar a classe operária, e para que a produção continuasse intacta. Entretanto, o curso da história fez com que o Serviço Social no Brasil adotasse uma postura diferente frente aos acontecimentos do capitalismo desenvolvido, globalizado, marginal e periférico, trazendo um enfoque contra-hegemônico.

O Congresso da Virada, de 1979, ilustra bem a mudança, que já acontecia paulatinamente, e que se permite a acontecer nos dias atuais. O conservadorismo já não era majoritário dentro da profissão, e perdia espaço para o pensamento crítico, fundamentado numa série de autores, teóricos, filósofos, estudiosos do materialismo histórico dialético e da teoria marxiana, como Lukács, Gramsci, Coutinho, Netto, Iamamoto, e o próprio Karl Marx.

Com esse TCC, acreditou-se que seria possível compreender os periódicos selecionados como aparelhos privado de hegemonia, como nos trouxe Gramsci com suas colaborações, e o seu papel fundamental na ruptura democrática ocorrida no Brasil no período que se predispôs a analisar. Mas para além do resultado fisiológico desse trabalho, de seu diagnóstico de que a mídia hegemônica serve ao grande capital, ele pretendeu consolidar um posicionamento contra-hegemônico, que possa servir ao intelecto das classes subalternizadas, que são bombardeadas por noticiários de jornais e matérias jornalísticas, que se apresentam com opinião própria revestida de senso comum.

Buscou contribuir com um olhar crítico sobre os aparelhos privados de hegemonia, pois estes permitem a hegemonia de uma classe sobre a outra, estes permitem e compactuam com a constante alienação do trabalho social total¹⁰ nesta

¹⁰ “Os objetos de uso só se tornam mercadorias porque são produtos de trabalhos privados realizados independentemente uns dos outros. O conjunto desses trabalhos privados constitui o trabalho social total. Como os produtores só travam contato social mediante a troca de seus produtos do trabalho, os caracteres especificamente sociais de seus trabalhos privados aparecem apenas no âmbito dessa troca. Ou, dito de outro modo, os trabalhos privados só atuam efetivamente como elos do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio destes, também entres os

sociedade. Lançando um olhar que possa ir além da aparência e que revele a essência desses meios de comunicação, para que possamos compreender o seu conteúdo percebendo o que o constitui. Percebendo o locutor e o interlocutor, suas origens, classes, pertencimento, contexto, local de fala. Percebendo o poder que a informação noticiada pela mídia hegemônica, comercializada como mercadoria, têm no processo de decisão, no processo de constituição do senso comum.

Fonseca (2011) nos apresenta a ideia de notícia como uma mercadoria que “está sujeita a variáveis mais complexas e sutis do que as existentes nos bens e serviços comuns” (FONSECA, 2011. p. 46). A relação da mídia hegemônica com o Estado (renegociações de dívida previdenciária, isenções, empréstimos, questões regulatórias de conteúdo e imagem), com a sociedade e anunciantes, formando opinião através de conteúdos objetivados, bem como auferindo o lucro (MELO, 1994. apud. FONSECA, 2011) a coloca numa posição controversa. Podendo, através das notícias “causar danos a pessoas, instituições, grupos sociais e às sociedades, a medida em que possui (a notícia) o poder de, no limite: fabricar e distorcer imagens e versões a respeito de acontecimentos e fenômenos, simultaneamente à sua função de informar” (FONSECA, 2011. p. 47). Pois o processo de informação não é neutro, ele se submete a um conjunto de variáveis como a visão do consumidor da notícia, das fontes e de outros fatores que constituem esse processo produtivo da notícia.

Conclui-se com base nesses pressupostos, que os dados coletados através dos periódicos escolhidos apresentam um posicionamento antidemocrático que culpabiliza e personifica em Dilma Rousseff a questão do desemprego, como uma doença sem cura, apresentando muitas vezes a visão de economistas, empresários, e políticos de oposição para atestá-la. Mesmo que de forma transversal, o desemprego “distorce” e “fabrica” imagens, se apresentando de uma forma para Dilma, e de uma outra forma para Temer. Variáveis que são conduzidas no processo de veiculação que permite, com apoio político-econômico, a sua existência sem contrastes na esfera da mídia hegemônica, que apresenta uma visão unívoca da realidade, e que tem interesses que compelem a ordem burguesa.

produtores. A estes últimos, as relações entre seus trabalhos privados aparecem como aquilo que elas são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, mas como relações reificadas entre pessoas e relações sociais entre coisas” (MARX, 2016. p. 148)

Analizando a crise que serviu de contexto para este trabalho através da ótica do desemprego permitiu concluir que o que estava em jogo não era um mero cargo político, mas uma direção do Estado que deveria atender aos interesses de uma classe que não quis ceder seu poder num período de baixa produtividade. Dessa forma, gerou-se uma situação de desemprego, recessão e alta inflação capaz de transformar o cenário político-econômico de maneira que culminou no impeachment. E o que vem a seguir são uma série de reformas que atingem diretamente ao mundo do trabalho, de forma negativa, flexibilizando ainda mais os contratos de trabalho, deslegitimando direitos conquistados pela Constituição Federal de 1988 e regredindo na configuração do sistema previdenciário, impondo carreiras e planos de aposentadoria que não dialogam com a sociedade.

Portanto, a ruptura democrática representou o caminho mais bem arquitetado para implementação dessas reformas na agenda política brasileira, mostrando que os poderes da democracia, articulados com setores da sociedade civil, possuem artimanhas capazes de destituir e atropelar outros poderes, sem que a população participe efetivamente.

O que houve no Brasil em 2016 não foi um impeachment. Mas um golpe de Estado revestido de impeachment, articulado com interesses sombrios e que não teria acontecido se não fosse o papel (des)informador da mídia hegemônica e sua maneira de retratar a realidade. Essa foi de suma importância para legitimar o golpe, levantando uma opinião de oposição ao governo Dilma, pró-impeachment, manipulando o conteúdo e seu direcionamento, atacando a presidenta diretamente e colocando Michel Temer em uma posição privilegiada, livre de críticas que pudessem denegrir a sua imagem. Portanto, foi possível destacar a parcialidade da mídia hegemônica e seus interesses expostos como as reformas da previdência e a reforma trabalhista, apenas para citar exemplos que servem para compreender o processo de produção e veiculação da notícia e suas especificidades, que não devem ser irrelevantes. Pois a informação não é neutra, é política e politizada, e deve ser compreendida na esfera da totalidade para evitar recair em análises superficiais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo; Alves, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. In: *Educação e Sociedade*, vol. 25, n. 87. p. 335-351, Campinas, 2004.

BRASIL. *Código de ética do/a assistente social*. Lei 8.622/93 de regulamentação da profissão – 10ª. ed. – Brasília : Conselho Federal de Serviço Social, 2012.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil* : Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012

BRASIL. *Previdência Social*. Decreto Nº 4682, de 24 de janeiro de 1923 – Lei Eloy Chaves, 1923.

BRASIL. *Resolução Conselho Nacional de Assistência Social nº 10, 4 de Agosto de 2015*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 05 de Agosto, 2015.

BRASIL. *Resolução* Nº 510, de 07 de Abril, 2016.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade – A era da Informação: economia, sociedade e cultura*; v.2 – São Paulo : Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Clara Alencar. *Criminalização da pobreza: mídia e propagação de uma ideologia higienista de proteção social aos pobres* – Trabalho de Conclusão de Curso do departamento de Serviço Social da UnB. Brasília: UnB, 2010.

COLIN, Denise; JACCOUD, Luciana. Assistência Social e Construção do SUAS – balanço e perspectivas: O percurso da Assistência Social como política de direitos e a trajetória necessária In: *Coletânea de Artigos Comemorativos dos 20 Anos da Lei Orgânica da Assistência Social/ Org: Denise Colin; José Crus; Luziele Tapajós; Simone Albuquerque*. – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – 1ª ed. – Brasília : MDS, 2013.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político* – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa* – 3ª ed. – Porto Alegre : Artmed, 2009.

FIGUEIREDO, Kênia Augusta. Assistente Social: por uma Comunicação Dialógica presente nas Políticas Públicas. In *4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais*. Belo Horizonte : CRESS-MG, 2016a.

_____. *Comunicação Pública e Assistência Social: um estudo sobre os processos comunicativos nos Centros de Referência de Assistência Social/Cras* – Tese de Doutorado em Comunicação – Faculdade de Comunicação da UnB. Brasília : UnB, 2016b.

FONSECA, Francisco. Mídia, poder e democracia: teoria e prática dos meios de comunicação In: *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº6. p. 41-69 – Brasília, 2011.

GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos* – Porto Alegre : Artmed, 2009.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, vol. 2 – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. *Cadernos do Cárcere*, vol. 3 – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço* – São Paulo: Annablume, 2005.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo In. *Metodologia de pesquisa em jornalismo - Claudia Lago, Marcia Benetti (orgs). 3. Ed. p. 123-142* – Rio de Janeiro : Vozes, 2010.

JINKINGS, Ivana ; DORIA, Kim ; CLETO, Murilo. *Por Que Gritamos Golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil* – São Paulo : Boitempo, 2016.

JINKINGS, Ivana. Apresentação: O golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe In. *Por Que Gritamos Golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. p. 11-14– São Paulo : Boitempo, 2016.

LOPES, Mauro. As Quatro famílias que decidiram derrubar um governo democrático In. *Por Que Gritamos Golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. p. 119-125 – São Paulo : Boitempo, 2016.

LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social I* - São Paulo : Boitempo, 2012.

LIMA, Carlos Alberto Ferreira. Financiamento público e crise In: *Maria Abádia da SILVA, Ronalda Barreto Silva. (Org.). A ideia de universidade – rumos e desafios. p. 91-135*. Brasília : Liberlivros, 2006.

LIMA, Venício Artur de. *Os mídia e o cenário de representação da política*. Lua Nova, São Paulo , n. 38, p. 239-271, Dec. 1996.

LIMA, Venício Artur de. Sete teses sobre mídia e política no Brasil In. *Revista USP, São Paulo, nº 61, p. 48-57. março/maio 2004*.

MARX, Karl. *O Capital : crítica da economia política : Livro I : o processo de produção do capital* – São Paulo : Boitempo, 2013.

MARX, Karl ; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã* – São Paulo : Martins Fontes, 1998.

MORAES, Dênis de. *Crítica da Mídia & Hegemonia Cultural* - Rio de Janeiro : Mauad, 2016.

NETTO, José Paulo. Cinco Notas a Propósito da “Questão Social”. In: *Temporalis. Ano 2 nº 3, p. 41-49*. Brasília : Graflin, 2001.

POCHMANN, Marcio. *O Emprego na Globalização : a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu* - São Paulo : Boitempo, 2001.

RESENDE, Geovanna Argenta de Bastos. *Mídia e Relações Internacionais: A divulgação da primavera árabe em sites de notícia brasileiros* – Trabalho de Conclusão de Curso do departamento de Relações Internacionais da UnB. Brasília : UnB, 2012.

VILELA, Thiago Dutra. *Construindo uma mídia Contra-hegemônica: Plano de Comunicação para edição online da Revista Vírus Planetário* – Trabalho de Conclusão de Curso do departamento de Comunicação Social da UnB. Brasília : UnB, 2013.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo y Literatura* – Barcelona : Península, 2000.

Sítios:

DEMAZIÈRE, Didier; GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena; PIGNONI, Maria Teresa; SUGITA, Kurumi. *Desemprego: Abordagens institucional e biográfica. Uma comparação entre Brasil, França, Japão*. Março de 2000. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/ds/nadya/Desemprego_projexecu.pdf> acesso em: 29 de jun. 2017.

DIEESE, 2017. Disponível em: < <http://www.dieese.org.br/analisePed/sistemaPed.pdf> > acesso em: 21 mai. 2017.

FOLHA DE S. PAULO *ONLINE*, 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/02/1744086-a-partir-do-jornal-grupo-folha-se-diversificou-e-hoje-tem-5-empresas.shtml>> acesso em: 17 mai. 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Brasília, 2017a. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme/pmeme t2.shtm>> acesso em: 11 mai. 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Brasília, 2017b. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/diseminacao/eventos/missao/default.shtm>> acesso em: 11 mai. 2017.

MACHIAVELLI, Niccolò. *O Príncipe* – Ed. Ridendo Castigat Moraes. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/principe.pdf>> acesso em: 23 mai. 2017.

MARTINS, Helena. Na Sintonia do Golpe: o papel da mídia na crise política *In. Direito à comunicação no Brasil*, 2016 Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=29739>> acesso em: 29 jun. 2017.

MOURA, Iara. Raio X da Ilegalidade: Políticos Donos da Mídia no Brasil *In. Direito à comunicação no Brasil*, 2016 Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=29753>> acesso em: 29 jun. 2017.

PORTAL G1, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/08/senado-aprova-em-primeiro-turno-pec-que-prorroga-dru-ate-2023.html>> acesso em: 21 mai. 2017.

SANTOS, Suzy dos. E-Sucupira: o Coronelismo Eletrônico como herança do Coronelismo nas comunicações brasileiras. *In. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Dezembro, 2006.

Disponível em: <<https://fndc.org.br/download/e-sucupira-o-coronelismo-eletronico-como-heranca-do-coronelismo-nas-comunicacoes-brasileiras/documentos/168774/arquivo/ecompos07-dezembro2006-suzydossantos.pdf>> acesso em: 29 jun. 2017.

WIKIPÉDIA, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_Globo> acesso em: 17 mai. 2017.

_____. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_Folha> acesso em: 17 mai. 2017.

_____. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_maiores_grupos_de_m%C3%ADdia_do_Brasil> acesso em: 17 mai. 2017.

ANEXO I

Tabela de análise qualitativa de matérias dos periódicos *Folha de São Paulo* e *O Globo* que apresentam as palavras-chaves “Dilma” e “Desemprego” publicadas no período de Março/Agosto 2016, Brasil

Processos	Data	Jornais
Período que antecedeu a instauração do processo de impeachment de Dilma Rousseff pela Câmara dos Deputados	01/03/2016	G: Opinião – “A presidente Dilma está na corda bamba e sem rede de proteção. É repudiada pelo povo. O PT, que a elegeu, vira-lhe as costas. Antes do baque, é preciso que todos estejam convencidos que a culpa pela desastrosa situação é exclusivamente dela [...]” (O Globo, 01 mar. 2016. Opinião, p. 13) – Discurso da Personificação
	02/03/2016	G: Opinião – Título da matéria: Leis trabalhistas inflexíveis incentivam desemprego “No momento em que se projetam taxas de desemprego de dois dígitos, coerentes com a mais grave recessão desde a década de 30, deve-se debater, mais uma vez, a flexibilização da rígida Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)[...]” “No primeiro ano do seu segundo mandato, a presidente Dilma planejava enviar ao congresso a reforma da Previdência (imperiosa), a recriação da CPMF (um equívoco) e esta quebra na rigidez da CLT. Recuou, por óbvias pressões do PT, num ato, na verdade, contra os trabalhadores” (O Globo, 02 mar. 2016. Opinião, p. 16) – Discurso do Mercado/ Personificação
	03/03/2016	F: A3 Opinião – “Estamos em um ano crucial para o país. O aumento desenfreado do desemprego e a instabilidade da economia trazem incertezas para toda população. As respostas do governo federal tem sido penalizar os trabalhadores com aumento de impostos (ICMS, IPI CPMF), o que está acarretando o fechamento de fábricas e um crescimento do endividamento das famílias, <u>sufocadas</u> pela falta de <u>coragem</u> do executivo em atacar de frente o corte de gastos” (Folha de S. Paulo, 03 mar. 2016. Opinião, p. A3, grifos nossos) – Discurso da Personificação
	04/03/2016	F: A20 Mercado - Título da matéria: Dilma, cinco anos perdidos – “Cinco anos da economia desapareceram no buraco negro do governo de Dilma Rousseff.” (Folha de S. Paulo, 04 mar. 2016. Mercado, p. A20) – Discurso da Personificação “O Brasil sofre de uma doença econômica séria, cujos principais sintomas são o recuo da produção de bens e serviços, inflação elevada e desemprego em alta. Mas que enfermidade é essa?” (Folha de S. Paulo, 04 mar. 2016. Mercado, p. A20) – Discurso do Mercado Recessão, crise, depressão, gastos públicos, populismo, impasse político.
	06/03/2016	F: A21 Mercado – Título da matéria: Com aumento da crise, empresários passam a defender a saída de Dilma “Os mais recentes desdobramentos da Lava Jato praticamente esgotaram a tolerância do empresariado com o governo Dilma Rousseff.” (Folha de S. Paulo, 06 mar. 2016. Mercado, p. A21) – Discurso do Mercado F: A23 Mercado – “ Eu não imagino uma recuperação de governabilidade com capacidade de iniciativa no mandato Dilma (Folha de S. Paulo, 06 mar. 2016. Mercado, p. A23) – Discurso da Personificação G: Economia – “Há um equivoco sobre a relação causal entre a crise política e a econômica. A economia foi ferida pelos erros da condução da política

Período que antecedeu a instauração do processo de impeachment de Dilma Rousseff pela Câmara dos Deputados		econômica, ela não foi vitimada pela política e muito menos pela Lava-Jato. A política também entrou em seus próprios descaminhos por outros motivos que não a crise econômica, mas um ambiente de recessão de dimensão histórica, aumento do desemprego, de quebra de empresas, certamente piora qualquer crise política.” (O Globo, 06 mar. 2016. Economia, p. 30) – Discurso do Mercado
	07/03/2016	G: O País – “Sobre economia, o vice-presidente ressaltou a necessidade do otimismo e união para o país sair da crise econômica: - Hoje, o que o país precisa é de unidade, de reunificação, um instante em que todos têm que dar as mãos e tirar o país da crise. O desemprego vai gerar uma conflitância (sic) social. Por isso, temos que unir esforços para retomar o emprego no país.” (O Globo, 07 mar. 2016. O País, p. 3) – Discurso do Extraordinário
	08/03/2016	F: A3 Opinião – “ Por motivos muito diversos, os dias que antecedem as manifestações do próximo dia 13 têm sido marcados por grande agitação política. O combustível, entretanto não veio exatamente da divulgação do PIB ou dos dados sobre inflação e o desemprego, mas das frentes investigativa e judicial ” (Folha de S. Paulo, 08 mar. 2016. Opinião, p. A3) – Discurso do Mercado
	09/03/2016	G: Economia – “O aumento das pressões do PT sobre o governo Dilma para a retomada de velhas propostas para reativar a economia preocupa os técnicos da equipe econômica. Com o acirramento da crise política e a nova fase da Operação Lava-Jato – que arrastou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva para o maior escândalo de corrupção do país –, a expectativa é uma avalanche de pedidos de créditos subsidiado de bancos públicos, uso de reservas internacionais, juros mais baixos e medidas de proteção ao emprego.” (O Globo, 09 mar. 2016. Economia, p. 21) – Discurso do Mercado
	10/03/2016	G: Opinião – “Nem vamos falar dos diabos de que o PT nem quer ouvir falar: da reforma da Previdência, muito menos da legislação trabalhista e da indexação do salário-mínimo. O modelo atual impõe ganhos reais de salários e de aposentadorias num momento de depressão econômica. O resultado é mais desemprego.” (O Globo, 09 mar. 2016. Economia, p. 21) – Discurso da Personificação
	11/03/2016	F: A18 Mercado “[...] sem a renúncia da presidente Dilma, não há possibilidade de construção de um mínimo consenso em torno de medidas urgentes para estancar o esfacelamento econômico em curso” “A renúncia da presidente Dilma seria o primeiro passo no processo de recomposição política do país” “Além disso, o país convive com o risco de convulsões sociais, seja pelo aumento do desemprego e ausência de perspectivas positivas [...]” (Folha de S. Paulo, 11 mar. 2016. Mercado, p. A18) – Discurso da Personificação F: A18 Mercado – Palavras chaves (códigos): Esfacelamento Econômico; Convulsões Sociais; Ausência de Perspectivas Positivas; Momento de desafios extremos; Vazio de liderança; (Folha de S. Paulo, 11 mar. 2016. Mercado, p. A18) – Discurso do Extraordinário G: Opinião – “No atual momento, de grave crise econômica, empresas se veem limitadas pela legislação na hora de buscar alternativas que minimizem o crescimento do desemprego”(O Globo, 11 mar. 2016. Opinião, p. 19) – Discurso do Mercado G: O País – “ – Há um consenso entre nós, e esse consenso não é a classe política, é da sociedade brasileira, são dos empresários, são das organizações sociais independentes, de que com a presidente Dilma o Brasil não reencontrará o caminho da retomada do crescimento, da diminuição do desemprego, enfim do início de um novo ciclo – disse Aécio (Neves).” (O Globo, 11 mar. 2016. O País, p. 10) – Discurso da Personificação
	14/03/2016	F: A5 Opinião – “As centenas de milhares de manifestantes em todo o Brasil deixaram bem clara a mensagem para este péssimo governo. As mentiras de campanha não convencem mais ninguém. Basta! O povo não aguenta mais ficar calado diante de tanta roubalheira, do desemprego, da inflação e da impunidade. Fora Dilma! Fora PT!” (Folha de S. Paulo, 14 mar. 2016. Opinião, p. A5) – Discurso da Personificação
	15/03/2016	G: Economia – “ – Se ela (a presidente Dilma) continuar, continua a estagflação clássica. Hoje, a manutenção desse governo gera uma incerteza. Prolongar é aprofundar essa recessão. Quanto mais cedo sair, mais cedo se recupera – avalia Eduardo Velho, economista-chefe da INVX Global Partners.” (O Globo, 15 mar. 2016. Economia, p. 17) – Discurso do Mercado

Período que antecedeu a instauração do processo de impeachment de Dilma Rousseff pela Câmara dos Deputados	16/03/2016	F: A16 Mercado - “Com a atividade economia ainda fraca e sem horizonte de melhora, os empresários acabam demitindo. Então, uma recuperação mesmo será apenas em 2018” (Folha de S. Paulo, 16 mar. 2016. Mercado, p. A16) – Discurso do Mercado
	17/03/2016	F: A18 Mercado – “Por um lado, é evidente que crises financeiras de altas proporções podem levar à recessão e ao desemprego. Por outro lado, os agentes do mercado respondem pouco aos chamados fundamentos macroeconômicos e muito à expectativa sobre o que farão os demais agentes. Tal conduta leva à ocorrência de profecias autorrealizáveis e bolhas financeiras que em nada têm a ver com crescimento econômico e, menos ainda, com bem-estar da população.” (Folha de S. Paulo, 17 mar. 2016. Mercado, p. A18) – Discurso do Mercado
	18/03/2016	G: Economia – “Os números da arrecadação só confirmam o que os analistas têm alertado há meses: com o agravamento da crise política, que se acentuou nos últimos dias com a abertura do processo de impeachment contra a presidente Dilma, não há horizonte à vista para a recuperação para a economia e o aumento do desemprego [...]” (O Globo, 18 mar. 2016. Economia, p. 23) – Discurso do Mercado
	21/03/2016	G: Opinião – “O Brasil fechou o ano de 2015 com uma taxa de desemprego de 8,5%, a maior desde 2012. Em 2014, o percentual de desempregados no país foi de 6,9%. É uma curva que não deixa dúvidas: o monstro da recessão, alimentado pelas políticas equivocadas do lulopetismo na economia, está engolindo postos de trabalho com a voracidade de um titã.” (O Globo, 21 mar. 2016. Opinião, p. 12) – Discurso do Extraordinário
	24/03/2016	F: A24 Mercado – “Em meio à tempestade, parece ter sido construído um consenso entre alguns setores do empresariado, do mercado financeiro e do congresso de que a <u>queda</u> da presidente Dilma Rousseff é o melhor caminho para chegarmos a águas mais calmas. Com Michel Temer na Presidência, a tão desejada estabilidade criaria as bases para a resolução das atuais crises políticas e econômicas nos próximos anos.” (Folha de S. Paulo, 24 mar. 2016. Mercado, p. A24, grifo nosso) – Discurso do Mercado/ Personificação G: Opinião – “Em ambiente de desemprego alto e crescente, com forte queda da renda, como acontece neste momento no Brasil, os consumidores gastam menos, por insegurança, e os empresários param de investir ou mesmo fecham seus negócios, por falta de mercado. E a economia piora mais. O país está parando, tal é a sensação nos diversos setores econômicos (O Globo, 24 mar. 2016. Opinião, p. 18) – Discurso do Mercado
	25/03/2016	F: A3 Opinião – “Enquanto isso, as altas taxas de juros, inflação e desemprego, aliadas à recessão, corroem a vida de milhares de brasileiros, vítimas de um processo inoperante. Existe um consenso de que o governo Dilma perdeu a legitimidade para exercer o poder. Acabou, é o fim da linha.” “O Brasil precisa de governantes que tenham a nobreza de reconhecer que a obstinação pelo poder não pode se sobrepor aos interesses da nação (Folha de S. Paulo, 25 mar. 2016. Opinião, p. A3) – Discurso da Personificação
	27/03/2016	F: S24 Mercado – “O desemprego deve passar dos 9,5% de agora para 13% no fim do ano. A baixa da renda será inédita em quase décadas e meia. A dor social aumentará: pode ser intensificada com a frustração de ver que a troca de governo não promove logo melhorias. Esse diagnóstico não é destino. Há curas possíveis. Mas o tempo de Michel Temer já está acabando” (Folha de S. Paulo, 27 mar. 2016. Mercado, p. S24) – Discurso do Mercado F: A3 Opinião – Título da matéria: Impeachment Já “A gravidade do momento nos levou a apelar para que a presidente Dilma, em um gesto de grandeza, e pelo bem do país e do povo brasileiro, renunciasse a seu cargo. Acreditamos que seria o caminho mais rápido [...]” (Folha de S. Paulo, 27 mar. 2016. Opinião, p. A3) – Discurso do Extraordinário

Período que antecedeu a instauração do processo de impeachment de Dilma Rousseff pela Câmara dos Deputados	28/03/2016	G: Opinião – “Ninguém aguenta mais o atual governo e a presidente quer expandir o crédito? Para quem, cara-pálida? O reservatórios de asneiras práticas e teóricas da presidente não tem fim?” (O Globo, 28 mar. 2016. Opinião, p. 11) – Discurso da Personificação/ Extraordinário
	01/04/2016	G: Opinião – “Estava preparado o terreno para a catástrofe iniciada logo após a posse da presidente reeleita num estelionato contra o eleitor – choque tarifário, inflação, recessão e consequentemente desemprego.” (O Globo, 01 abr. 2016. Opinião, p. 18) – Discurso do Mercado
	03/04/2016	G: Opinião – “O governo federal está no centro da crise causada pela desestabilização das finanças públicas. Muito natural, não apenas por seu tamanho dentro da Federação, mas pelo fato de ter sido ele, a partir do segundo mandato de Lula e na sequência do primeiro governo Dilma, que, por erros crassos de política econômica, mergulhou o país num ciclo de absoluta irresponsabilidade fiscal. E agora a sociedade padece com inflação elevada, recessão vertiginosa e assustador desemprego.” (O Globo, 03 abr. 2016. Opinião, p. 18) – Discurso da Personificação
	04/04/2016	G: Opinião – “O país ruma para uma crise social, com o desemprego aproximando-se de dez milhões de pessoas, em curva ascendente, a inflação próxima dos dois dígitos e uma quebra geral de expectativas. A dita classe média ascendente, que acreditou a ficção política petista, está sendo arremessada de volta à sua condição anterior. Saborearam a mudança, e agora, tudo perderam. E qual é o discurso: o PT defende os pobres e o emprego! Haja cinismo!” (O Globo, 04 abr. 2016. Opinião, p. 12) – Discurso do Extraordinário/ Personificação
	05/04/2016	G: Opinião – Título da matéria: Domésticas X Desemprego “Assistimos, há algum tempo, as comemorações pelas conquistas de benefícios das domésticas. Ótimo para elas e outros mais, da <u>esquerda</u> ! Empregadores sempre com dificuldade de arrumar boa funcionária. Agora, os papéis se inverteram, e muitas procuram emprego. Salário, passagem e benefícios somam quase R\$ 2 mil. Ficou caro. Mais uma obra da esquerda <u>populista e oportunista</u> . O resultado final está aí: empregadores sem condição de empregar e as domésticas sem trabalho.” (O Globo, 05 abr. 2016. Opinião, p. 15, grifos nossos) – Discurso do Extraordinário/ Mercado G: Economia – “A desordem que ela fez nas contas públicas no fim do primeiro mandato com o objetivo de ser reeleita, pesa até hoje sobre os ombros do país em forma de inflação, recessão, desemprego e dívida pública crescente.” (O Globo, 05 abr. 2016. Economia, p. 20) – Discurso da Personificação
	06/04/2016	F: A16 Mercado – Título da matéria: Mercado vê impeachment menos improvável, mas crê em saída de Dilma. “No próximo fim de semana os políticos vão para as suas bases e sua decisão será influenciada pela pressão que recebem ali, tanto pelo lado político quanto pelo lado econômico [aumento do desemprego, por exemplo].” (Folha de S. Paulo, 06 abr. 2016. Mercado, p. A16) Fala de José Márcio Camargo, sócio da gestora Opus e entrevistado na matéria, mostra que o real motivo do impeachment já se passa despercebido diante do cenário. – Discurso do Mercado F: A6 Poder – Painel do Impeachment – A Favor: “O país sem governo, sem políticas públicas. O pesadelo da inflação e do desemprego voltou a nos assombrar.” Contra: “Orientação do governo se muda na eleição. Sem descumprimento deliberado de dada norma, que não ocorreu, é golpe.” (Folha de S. Paulo, 06 abr. 2016. Poder, p. A6) – Discurso da Personificação
	08/04/2016	F: A2 Opinião – “ [...] o país desmorona ao seu (<i>Dilma</i>) redor, com número recorde de falências, investimentos que minguaram ou nunca serão feitos e a inflação e o desemprego galopando para os dois dígitos – tudo isso enquanto se apura a quantidade de dinheiro queimado pela corrupção de seus correligionários ou por sua simples incompetência.” (Folha de S. Paulo, 08 abr. 2016. Opinião, p. A2) – Discurso da Personificação/ Extraordinário
	10/04/2016	F: S23 Mercado – “O desemprego que a gente vê na rua é consequência do ajuste feito desde 2015. As empresas estão refinanciando suas dívidas, vendendo coisas que não são importantes, focando suas operações, trabalhando em produtividade. Já vemos sinais de que o Brasil pode emergir dessa crise melhor.” (Folha de S. Paulo, 10 abr. 2016. Mercado, p. S23) Afirma presidente do Santander Brasil. Aumento no desemprego é reflexo das formas de incremento da produção em períodos de crise cíclica do capital. Capital vivo VS. Capital morto – Discurso do Mercado

		G: Boa Chance – “Os executivos andam bastante pessimistas em relação aos rumos da economia nacional este ano. O Mapa de Perspectiva Econômicas e Profissionais de 2016, desenvolvido pelo PageGroup, mostrou que 76% deles creem no aumento da taxa de desemprego. Em 2012, apenas 15% acreditavam nessa possibilidade.” (O Globo, 10 abr. 2016. Boa Chance, p. 4) – Discurso do Mercado
	11/04/2016	F: A2 Opinião – “Num cenário de tanta incerteza, quem não está nada tranquilo é o país. A inflação caiu não por méritos do governo, mas por causa da brutal recessão, fruto dos equívocos cometidos pela presidente. O desemprego continua a subir e não se enxerga, no horizonte, nada que esteja sendo feito para contê-lo. Pelo contrário, Dilma, para escapar da degola, compromete a cada dia mais o equilíbrio fiscal.” (Folha de S. Paulo, 11 abr. 2016. Opinião, p. A2) – Discurso da Personificação G: Opinião – “Hoje, o lulopetismo, enquanto luta para evitar o impeachment de Dilma pelo Congresso, tenta reequilibrar uma economia que vai para o segundo ano com recessão acima de 3%, inflação elevada, desemprego nos dois dígitos.” (O Globo, 11 abr. 2016. Opinião, p. 14) – Discurso da Personificação
	12/04/2016	G: O País – “Fora do poder, o PT e seus aliados apostam que o vice Michel Temer também não conseguirá dominar a instabilidade econômica e política. As organizações sociais ligadas à esquerda tentarão dar sua contribuição. Para evitar que isso ocorra, Temer terá que adotar medidas saneadoras, ao sabor do mercado, mas que também representem um alívio à população. Mas sua equipe de governo não sabe ainda como fará isso, pois um dos motivos que levou milhões às ruas foi o desemprego.” (O Globo, 11 abr. 2016. Opinião, p. 14) – Discurso da Personificação/ Mercado
	14/04/2016	F: A15 Mundo – “O impeachment de Dilma Rousseff não teria avançado tanto se não fosse a recessão aguda e seus efeitos inexoráveis: aumento dos desemprego, queda dos salários.” (Folha de S. Paulo, 14 abr. 2016. Mundo, p. A15) – Discurso da Personificação
Dia em que a Câmara dos deputados instaurou o processo de impeachment	17/04/2016	F: A7 Poder – Título da matéria: 7 pecados na capital. “Veja os <u>erros</u> que levaram a presidente Dilma ao inferno político de enfrentar o impeachment.” (Folha de S. Paulo, 17 abr. 2016. Poder, p. A7, grifo nosso) – Discurso da Personificação F: A3 Opinião – “O PIB recua, a inflação corrói salários, o desemprego aumenta, o crédito diminui; nenhum desses efeitos ocorreu sem que o dedo de Dilma estivesse entre as causas. Seu apetite intervencionista e sua inépcia gerencial arruinaram estatais como Petrobras e Eletrobras e afugentaram investidores.” (Folha de S. Paulo, 17 abr. 2016. Opinião, p. A3) – Discurso da Personificação/ Extraordinário G: O País – “O senhor (<i>Carlos Kwall</i>) participou do governo PT em 2006, numa época em que o desemprego estava em queda, a economia avançava e a renda crescia. O que fez a economia desandar de lá pra cá? – Muitas políticas erradas foram bancadas ao longo do tempo. Mas, olhando para frente, o importante é entender que, hoje, não basta corrigir. Vamos fazer um ajuste da política econômica, buscar austeridade fiscal, uma política monetária prudente, deixar o câmbio flutuar, subir um imposto aqui e outro ali. Esse ajuste fiscal clássico não funciona mais.” (O Globo, 17 abr. 2016. O País, p. 22) – Discurso do Mercado
Período que antecedeu a abertura do processo no	18/04/2016	F: A18 Economia – Título da matéria: Volta do crescimento é foco de empresários “Setubal, do Itaú, diz que espera que país encontre caminho do entendimento para reestabelecer confiança necessária” “Economia pós Dilma: o que os principais setores da economia pedirão a Temer” “crédito para produção com taxas baixas; liberação de pelo menos 750 milhões em seguros para o seguro agrícola; flexibilização das leis trabalhistas; permitir terceirização para todas atividades” (Folha de S. Paulo, 18 abr. 2016. Economia, p. A18) – Discurso do Mercado F: A18 Economia Título da matéria: Empresariado pede reformas impopulares em seis meses “Setor produtivo quer flexibilizar leis trabalhistas e mudar previdência.” (Folha de S. Paulo, 18 abr. 2016. Economia, p. A18) – Discurso do Mercado

<p>Senado</p> <p>Período que antecedeu a abertura do processo no Senado</p>		<p>G: O País – “No mercado financeiro, a comemoração como sempre aconteceu antes e isso fez o dólar cair. A queda só não foi maior porque o Banco Central entrou fortemente na ponta compradora. Na economia real contudo, continuará a agonia de empresas às voltas das dívidas e queda do faturamento. As famílias enfrentarão o aumento do desemprego. Será difícil pôr as contas em ordem. Os erros do governo foram grandes demais e o caminho de volta será árduo. Não há mágica na economia.” (O Globo, 18 abr. 2016. O País, p. 26) – Discurso do Mercado/ Personificação</p>
	19/04/2016	<p>G: O País – “ – Ela (<i>Dilma</i>) fez uma postura de vítima, tentou se vitimizar, chegou a se dizer torturada pelo Congresso, mas esqueceu de citar a tortura que faz ao povo brasileiro, a tortura do desemprego, da desassistência diante de crises tão graves – disse o líder do PSDB, Cássio Cunha Lima (PB).” (O Globo, 19 abr. 2016. O País, p. 6) – Discurso da Personificação</p> <p>G: Economia – “Para Skaf, a presidente perdeu o controle sobre o país e levou a economia à atual crise. – Não vejo como ela recuperar essa situação: com PIB em queda, desemprego em alta e a total falta de apoio político – disse Skaf” (O Globo, 19 abr. 2016. Economia, p. 24) – Discurso da Personificação</p>
	21/04/2016	<p>F: A1 Capa – Título da matéria: Demissões batem recorde e desemprego chega a 10%</p> <p>“Maior patamar do índice desde que o IBGE iniciou a pesquisa, em 2012.”</p> <p>“Reflexo da recessão do país, taxa pela primeira vez atinge a marca de dois dígitos.”</p> <p>“A disparada do desemprego é fruto da recessão iniciada em 2015, no segundo mandato de Dilma Rousseff.” (Folha de S. Paulo, 21 abr. 2016. Capa, p. A1) – Discurso do Extraordinário/ Personificação</p> <p>G: Primeira Página – Título da matéria: Desemprego já afeta 10 milhões no Brasil</p> <p>“taxa de desocupação alcançou 10,2% em fevereiro, maior patamar da pesquisa nacional do IBGE, iniciada em 2012”(O Globo, 19 abr. 2016. Economia, p. 24) – apenas para comparação com matéria da Folha</p>
	22/04/2016	<p>F: A3 Opinião – “Não bastassem a volta da inflação, a recessão, o nível histórico de desemprego e a corrupção institucionalizada, agora o governo petista de Dilma Rousseff pretende destruir, na ONU, o que de mais relevante o país construiu ao longo das últimas décadas: sua reputação.”</p> <p>“Na ONU, Dilma poderia explicar democraticamente como conseguiu a proeza de ter 367 parlamentares pedindo a sua saída aos berros. Poderia, de quebra, tentar convencer os presentes de que o bilionário rombo da Petrobras, a corrupção institucionalizada, o desemprego, a inflação, a recessão e a cúpula do seu partido na cadeia são pequenos detalhes. Tudo intriga de uma oposição golpista.” (Folha de S. Paulo, 22 abr. 2016. Opinião, p. A3) – Discurso da Personificação/ Extraordinário</p>
	23/04/2016	<p>F: A21 Mercado – “O país está paralisado há meses; ninguém investe, ninguém planeja e muitas empresas não suportam o quadro de imprevisibilidade – umas fecham suas portas, outras reduzem seus quadros. O resultado é o que vemos: índices econômicos cada vez mais deprimentes, perda de credibilidade do país, desemprego em níveis inéditos, tensão nas ruas e nos lares. O pior que pode acontecer ao país, em tais circunstâncias, é privá-lo de um retorno rápido a normalidade. E isso está acontecendo.” (Folha de S. Paulo, 23 abr. 2016. Mercado, p. A21) – Discurso do Extraordinário</p> <p>G: Opinião – “Temer apontou para o desemprego como o problema mais urgente no país, no momento. O vice-presidente disse também que pretende criar um ‘governo de otimismo’.” (O Globo, 23 abr. 2016. Opinião, p. 4) – Discurso da Personificação</p>
	24/04/2016	<p>F: C8 Ilustrada – “inflação cresceu, o desemprego triplicou, e o país parou de vez.” (Folha de S. Paulo, 24 abr. 2016. Ilustrada, p. C8) – Discurso do Extraordinário</p> <p>G: O País – “Alckmin afirmou que o país está passando por gravíssimos problemas em todas áreas, principalmente na economia, com o agravamento do</p>

Período que antecedeu a abertura do processo no Senado		desemprego, e o PSDB não pode virar as costas para a crise: – Daremos sim sustentação parlamentar para o governo Michel Temer, votando e apoiando todas medidas que acharmos necessárias para o país, dentro de um quadro de amplas <u>reformas</u> .” (O Globo, 24 abr. 2016. O Pais, p. 7, grifo nosso) – Discurso da Personificação
	25/04/2016	F: A15 Folhainvest – “Enquanto o mercado financeiro está otimista com o possível impeachment da presidente Dilma Rousseff – a Bolsa de Valores brasileira acumula valorização de 22% neste ano –, a economia da ‘vida real’ está muito longe de se recuperar. O desemprego deve seguir aumentando, e a renda cairá mais, afirma economistas e planejadores financeiros.” “O número mais recente da crise foi divulgado na semana passada pelo IBGE: a taxa de desemprego superou os 10% e não há sinal de que ela poderá parar de subir, de acordo com Fábio Silveira, diretor de pesquisa econômica da GO Associados.” (Folha de S. Paulo, 25 abr. 2016. Folhainvest, p. A15) – Discurso do Extraordinário
	27/04/2016	F: A5 Poder – “O peemdebista (<i>Temer</i>) diz que vai aguardar uma decisão do Senado sobre o impeachment de Dilma Rousseff para ‘não avançar no sinal’ na montagem do novo governo, mas ressalta que não pode ficar esperando parado” “Temer tem dito que, na economia, sua maior preocupação é com o desemprego.” (Folha de S. Paulo, 27 abr. 2016. Poder, p. A5) – Discurso da Personificação
	30/04/2016	F: A23 Mercado – “Segundo três economistas ouvidos pela Folha, a tendência para os próximos meses é de piora. Até que um possível governo de Michel Temer (PMDB) coloque em prática uma reforma fiscal, as empresas continuarão sem contratar e outras tantas manterão as demissões.” (Folha de S. Paulo, 30 abr. 2016. Mercado, p. A23) – Discurso do Mercado
	01/05/2016	F: A22 Mercado – “O desemprego será crescente ou grande em uma economia que terá encolhido uns 10% de 2014 a 2016. Os serviços públicos de que depende o povo miúdo, a maioria estarão depauperados e arrochados por anos.” (Folha de S. Paulo, 01 mai. 2016. Mercado, p. A22) – Discurso do Mercado
	02/05/2016	F: A2 Opinião – “Sem falar no desemprego. Ao assumir, recuava, na casa de 6%. Hoje, está em alta, perto dos 11%. São 11,1 milhões de desempregados. Para esconder tal realidade, no Dia do Trabalho, Dilma fez sua equipe produzir um pacote do qual era contra. Enfim, na saída, Dilma tenta ficar bem com sua base. Faz agora o que passou todo o ano dizendo que não faria em nome da austeridade fiscal. Mas como não será ela mais a dona do cofre, Michel Temer que se vire.” (Folha de S. Paulo, 02 mai. 2016. Opinião, p. A2) – Discurso do Mercado F: A2 Opinião – “Não bastassem os escândalos em série que nos pautam todos os dias; o impasse político que deriva de um governo desacreditado e incapaz; o descalabro administrativo e o desastre econômico gestados pela incompetência e arrogância, a presidente Dilma Rousseff caminha para encerrar prematuramente o seu segundo mandato tomada por rara irresponsabilidade pública. Ninguém mais desconhece a dimensão e a gravidade dos problemas que assolam o Brasil. O país está mergulhado em recessão profunda, taxas de desemprego recorde, famílias endividadas e a crise social aguda.” (Folha de S. Paulo, 02 mai. 2016. Opinião, p. A2) – Discurso do Extraordinário
	03/05/2016	F: A20 Mercado – “a queda o emprego persiste em ritmo alarmante, provocando redução de renda, que leva à contenção do consumo e ao aumento da recessão.” “Nesse cenário, vai ser votado na próxima semana o afastamento da presidente da República por 190 dias. Com Dilma ou sem Dilma, terá de haver um governo renovado nos próximos dias, que será desafiador a fazer uma escolha: ou atende aos reclamos do setor produtivo, que pede a redução de juros, a volta do crédito e o estímulo ao investimento e ao consumo, ou acata, como se vem fazendo, o discurso do setor financeiro.” (Folha de S. Paulo, 03 mai. 2016. Mercado, p. A20) – Discurso do Mercado

Período que antecedeu a abertura do processo no Senado		<p>G: O País – “ – O nome adequado deveria ser contabilidade destrutiva (<i>referindo-se as ‘pedaladas fiscais’</i>), porque os efeitos que nós tivemos, na economia brasileira, de destruição do ambiente econômico, de destruição da qualidade das contas públicas levaram à perda do grau de investimento, a um crescimento explosivo da dívida, a um ambiente de desconfiança no futuro, em que empresários não investem, investidores não se arriscam, pessoas físicas não consomem, preferem guardar, porque têm medo do amanhã, têm medo do desemprego. Então, todo esse ambiente é resultado de práticas de contabilidade destrutiva e de fraudes fiscais – afirmou Júlio Oliveira.”(O Globo, 03 mai. 2016. O País, p. 3) – Discurso do Mercado/ Personificação</p>
	04/05/2016	<p>F: A16 Mercado – “A taxa de desemprego atingiu 10,9%; 409 empresas pediram falência ou concordatas [...] a produção industrial despencou 11,7% em relação a igual período do ano passado [...] Essa soma de indicadores ruins poderia indicar que a doença da economia brasileira está mais para depressão – enfermidade ainda mais grave – do que para recessão. Mas o retrato muito negativo esconde sinais incipientes de que talvez tenhamos atingido o fundo do poço. Na linguagem de economistas, há indicadores de estabilização no horizonte.”(Folha de S. Paulo, 04 mai. 2016. Mercado, p. A16) – Discurso do Mercado</p> <p>G: Economia – “ – O Brasil está sofrendo com as duas coisas, tanto com a inflação quanto com o desemprego. A taxa de março mostrada pela Pnad bateu todos os recordes dos últimos 4 anos – diz professor do Instituto de Economia da UFRJ, João Saboia, especialista em mercado de trabalho.” (O Globo, 04 mai. 2016. Economia, p. 22) – Discurso do Mercado</p>
	06/05/2016	<p>G: Economia – Título da matéria: Fitch volta a rebaixar nota do Brasil, para ‘BB’</p> <p>“Embora acredite que ‘qualquer transição política para um novo governo durante o processo de impeachment será suave e pacífica’ e ‘poderá representar uma nova oportunidade para um ajuste econômico e para reformas’, a Fitch alertou para o risco desse processo. ‘A profunda e prolongada e prolongada recessão, acompanhada de desemprego crescente e da incerteza sobre a força e a estabilidade da coalizão no poder (especialmente para aprovar reformas), demonstra os desafios que um potencial governo Temer pode confrontar. [...]’ acrescentou a agência.” (O Globo, 06 mai. 2016. Economia, p. 27) – Discurso do Mercado</p>
	08/05/2016	<p>F: A24 Mercado - Título da matéria: Os 4 alvos de Temer para reativar a economia.</p> <p>“Se confirmado presidente, Temer terá de lidar com quatro desafios incontornáveis, dos quais o ajuste das contas públicas será apenas o primeiro a se enfileirar. O mais sensível é o aumento da taxa de desemprego. Para os economistas, vai piorar até o fim do ano por inércia, seja quem for o presidente. Dos atuais 10,9%, a taxa poderia escalar a 13%.” (Folha de S. Paulo, 08 mai. 2016. Mercado, p. A24) – Discurso da Personificação</p> <p>G: O País – “Para trazer de volta o mercado o batalhão de 11 milhões de desempregados, Temer e <u>sua equipe</u> terão o desafio de fazer a economia voltar a crescer. Para isso, um dos principais eixos serão as privatizações. A ideia é transferir para o setor privado tudo que for possível na infraestrutura.” (O Globo, 08 mai. 2016. O País, p. 22, grifo nosso) – Discurso do Mercado/ Personificação</p> <p>G: Economia – “A presidente Dilma cavou o buraco econômico no qual o país entrou e que levou a estes que podem ser seus últimos dias de governo. Ela fez escolhas, tomou decisões, implantou políticas que causaram recessão, inflação alta, rombo fiscal e desemprego.” (O Globo, 08 mai. 2016. Economia, p. 36) – Discurso da Personificação</p>
	09/05/2016	<p>G: O País – “A principal preocupação de Temer com relação ao futuro próximo é com a economia, hoje marcada por recessão, desemprego, e falta de confiança no Brasil. A prioridade para Meirelles é sinalizar ao mercado que o novo governo está comprometido com o ajuste fiscal gradual que permita colocar a dívida pública em trajetória de queda.” (O Globo, 08 mai. 2016. Economia, p. 36) – Discurso da Personificação/ Mercado</p>

Dia em que a Comissão especial do Senado aprovou abertura do processo de impeachment	12/05/2016	<p>G: O País – “O governo Dilma provocou a devastação econômica com as reformas não feitas, as lições desprezadas, os erros repetidos. Ao sair, lega inflação acima da meta, recessão de 8% em dois anos, despesas públicas que são, no mínimo, R\$ 100 bilhões maiores que a receita, e desemprego crescente.” (O Globo, 12 mai. 2016. O País, p. 34) – Discurso da Personificação</p> <p>G: Economia – Título da matéria: Queda inevitável</p> <p>“O estranho seria se nada acontecesse com o governo da presidente Dilma. Na economia, a recessão bate um recorde histórico, a inflação subiu, o desemprego está devastando ganhos passados e ameaçando o futuro das famílias.” (O Globo, 12 mai. 2016. Economia, p. 50) – Discurso do Extraordinário</p>
Período que antecedeu a votação pelo impeachment de Dilma Rousseff no Senado	13/05/2016	<p>F: B01 Caderno Especial – “Uma conjunção de crise jamais enfrentada por governantes brasileiros será o desafio do peemedebista Michel Temer, 75, que se tornou na manhã desta quinta-feira (12) o 41º a ocupar a Presidência da República do país.”</p> <p>“Na era lulo-dilmista resultados sociais e econômicos oscilaram em alta, da projeção extrema à desindustrialização, da inflação controlada ao repique dos juros.” (Folha de S. Paulo, 13 mai. 2016. Caderno Especial, p. B01) – Discurso da Personificação</p> <p>G: O País – Título da matéria: Temer acena ao mercado e diz que objetivo é reduzir atuação do Estado</p> <p>“Com discurso construído sob medida para tranquilizar o mercado e resgatar a confiança dos empresários e das famílias, o presidente em exercício Michel Temer tomou posse ontem dizendo que sua prioridade é reverter a queda livre da economia. Ele apontou como maiores objetivos a redução do desemprego, o aumento do rigor fiscal e o enxugamento do Estado por meio de parcerias com o setor privado.” (O Globo, 13 mai. 2016. O País, p. 4) – Discurso do Mercado</p>
	14/05/2016	<p>F: A3 Opinião – Título da matéria: Governo Temer será capaz de unir o país e superar a crise? Sim Foco na economia e na reforma política</p> <p>“A principal implicação é que quem se dispõe a resolver a crise não pode isolar apenas uma das dimensões para agir, mas tem de considerar os efeitos combinados dessa dinâmica sobre o conjunto, algo a que Dilma Rousseff não deu a devida atenção.” (Folha de S. Paulo, 14 mai. 2016. Opinião, p. A3) – Discurso da Personificação</p>
	15/05/2016	<p>F: A28 Mercado – “O elevadíssimo custo social na forma de desemprego e perda de produto, que a sociedade já pagou até o momento, sugere que nos próximos trimestre o ciclo econômico será favorável: a inflação vai cair, a taxa Selic deve iniciar um ciclo de baixa na virada de 2016 para 2017 e a economia deve voltar a crescer no segundo semestre do ano que vem.” (Folha de S. Paulo, 15 mai. 2016. Mercado, p. A28) – Discurso do Mercado</p>
	16/05/2016	<p>G: Opinião – “[...] seu (<i>Temer</i>) esforço deverá ser dobrado. Deverá tirar o país de sua grave situação econômica, reduzir drasticamente o desemprego, criar uma expectativa de progresso social, assistir aos mais necessitados e, ao mesmo tempo, mostrar-se como novo, capaz de imprimir um novo modo de fazer política, sinalizar um outro rumo para a nação. Não pode fazer mais do mesmo.” (O Globo, 16 mai. 2016. Opinião, p. 14) – Discurso da Personificação</p>
	17/05/2016	<p>F: A15 Mercado – “De acordo com a mais recente pesquisa da Pnad Contínua, feita pelo IBGE, o desemprego é de 10,9%. Há um ano, o desemprego era de 7,9%. Para Meirelles (ministro da fazenda), o governo Dilma deu pouca atenção à questão do emprego.” (Folha de S. Paulo, 17 mai. 2016. Mercado, p. A15) – Discurso da Personificação</p>

Período que antecedeu a votação pelo impeachment de Dilma Rousseff no Senado		<p>F: A3 Opinião – “[...] é preciso atacar em três frentes. Primeiro, garantir a continuidade da Lava Jato. O Brasil e o mundo não suportam mais a corrupção. Segundo, reequilibrar as contas públicas, afastando de vez os temores de insolvência que geram insegurança e travam investimentos. Terceiro, é indispensável encaminhar as reformas estruturais como a previdência, a tributária, a trabalhista e a política.” (Folha de S. Paulo, 17 mai. 2016. Opinião, p. A3) – Discurso do Mercado</p> <p>G: Opinião – “A conjuntura econômica e social requer união, apoio e colaboração do conjunto da sociedade. O presidente Michel Temer é um homem aberto ao diálogo, que compreende o momento histórico em que assume os destinos da nação. Uma agenda de reformas será implantada. São mudanças no arcabouço institucional do país pelas quais clama o setor privado há pelo menos duas décadas. Precisamos das reformas previdenciária, trabalhista, tributária e política. [...] É muito bom ouvir o ministro Meirelles falar em teto de gastos.” (O Globo, 17 mai. 2016. Opinião, p. 15) – Discurso da Personificação/ Mercado</p>
	18/05/2016	<p>G: Opinião – “A assunção do vice-presidente Michel Temer à Presidência da República inaugura uma nova etapa na condução dos negócios públicos no país. Isso num momento de tensas expectativas da sociedade brasileira, que – dividida e frustrada em face dos recentes e graves acontecimentos e penalizada pelo desemprego e pela queda na renda como consequência da forte e prolongada recessão e da galopante inflação – aguarda apreensiva mudanças significativas, tanto no processo político quanto na economia, que possibilitem restabelecer a ética na atividade política e retomar o crescimento com estabilidade.”(O Globo, 18 mai. 2016. Opinião, p. 19) – Discurso da Personificação</p>
	20/05/2016	<p>F: A3 Opinião – “[...] nossa lei trabalhista arcaica, que produz 10% de desemprego e, entre os empregados, 40% de informalidade.” (Folha de S. Paulo, 20 mai. 2016. Opinião, p. A3) – Discurso do Extraordinário</p> <p>F: A3 Opinião – “Michel Temer não é o presidente ideal de ninguém (...), mas tem se saído melhor do que o esperado.” (Folha de S. Paulo, 20 mai. 2016. Opinião, p. A3) – Discurso da Personificação</p>
	21/05/2016	<p>F: A22 Mercado 1 – “Uma taxa de desemprego já na casa de 11% mas rumando para 14%, se nada mudar, é uma medida do tamanho do desafio do novo governo. Isso provoca uma ansiedade que nos leva a esquecer fatos básicos. (Folha de S. Paulo, 21 mai. 2016. Mercado 1, p. A22) – Discurso da Personificação</p> <p>F: S24 Mercado 2- Título da matéria: PT assaltou o Brasil.</p> <p>“A tragédia do desemprego – 11 milhões de vítimas - , das qual a militância do PT estava poupada, é outro subproduto dessa herança maldita.”</p> <p>“[...] o país está arruinado” (Folha de S. Paulo, 21 mai. 2016. Mercado 2, p. S24) – Discurso da Personificação</p>
	22/05/2016	<p>G: Opinião – “Temer começou com o <i>dream team</i> da economia e da Petrobras, e tem pouco tempo para reduzir a curva do desemprego que assola o país. Tal missão está longe de ser simples e óbvia. O governo precisa fazer campanha para explicar aos que ignoram a importância dessas medidas antipopulares. É a chance de termos continuidade da política que me parece ser a correta.” (O Globo, 22 mai. 2016. Opinião, p. 17) – Discurso da Personificação</p>
	27/05/2016	<p>F: A11 Mercado – “Ainda assim, as estimativas são de que a coisa pare de piorar em algum momento do segundo semestre – é o que esperam os maiores bancos do país, por exemplo. Note-se que tal previsão vinha desde o início do ano, com ou sem Dilma Rousseff. Isso quanto ao ritmo geral da economia – o desemprego deve crescer por meses ainda. A novidade de maio foi o salto mais animado das expectativas de consumidores e empresários, provocado pela esperança de que a troca de governo deixe a crise pra trás, segundo economistas responsáveis pelas pesquisas de opinião que medem a confiança.” (Folha de S. Paulo, 27 mai. 2016. Mercado, p. A11) – Discurso do Mercado</p>

Período que antecedeu a votação pelo impeachment de Dilma Rousseff no Senado		G: Economia – “ – Quando não há previsibilidade com relação a preços e custos, o empresário não investe. O investimento, que gera novos postos de trabalho, é a função dessa previsibilidade. A economia perdeu a sua dinâmica, e isso se refletiu no emprego.” (O Globo, 27 mai. 2016. Economia, p. 18) – Discurso do Mercado
	31/05/2016	F: A3 Opinião – “Na referida entrevista, Dilma alega que todos os problemas do país – o desemprego de 11 milhões de brasileiros, os desmandos do Bolsa Família [...] a queda vertiginosa do PIB e a estrondosa superação da meta da inflação (muitos pontos acima do teto) – são decorrentes de fatores externos.” “Entrevista de Dilma é regada a cinismo.” (Folha de S. Paulo, 31 mai. 2016. Opinião, p. A3) – Discurso da Personificação
	01/06/2016	F: A12 Mercado – “A combinação de tumulto renovado na política, de massacre acelerado no trabalho, de finança inquieta e de baixas judiciais no grande empresariado vai triunfando a reviravolta na confiança. Isto é, o sentimento de que as coisas poderiam melhorar um tico na economia e na política com a deposição de Dilma. O número de pessoas empregadas continua a cair cada vez mais rápido. Em um ano, o país perdeu 1,545 milhão de empregos. Junte-se a isso as pessoas que entraram no mercado de trabalho de desemprego, gente que procura serviço e não acha, vai a 11,2% em abril – no primeiro trimestre em 2015, a taxa de desemprego era de 6,8%. O rendimento médio do trabalho agora cai mais em 3%, em termos anuais, descontada a inflação. É um massacre.” (Folha de S. Paulo, 01 jun. 2016. Mercado, p. A12) – Discurso do Mercado G: Economia – “A esperança é de que o desemprego pare de subir no fim deste ano com algum alívio na economia, como a queda da inflação, aumento da confiança, e, provavelmente, redução da taxa de juros. Mas para voltar a crescer a oferta de emprego será necessário recuperar a confiança dos empresários e dos consumidores.” “O economista Sérgio Vale, da MB associados avalia que o desemprego ainda vai subir a 13,5%, para ter uma ligeira queda no final do ano. [...] – Com Temer no poder, o desemprego pode cair e voltar a um dígito, porque haverá crescimento do PIB. Já se Dilma voltar à Presidência, projetamos uma retração de 2,5% no PIB de 2017, o que poderia levar o desemprego a uma taxa de 17% – afirmou. (O Globo, 01 jun. 2016. Economia, p. 20) – Discurso do Mercado/ Personificação/ Extraordinário
	02/06/2016	F: A5 Poder – “Herança de Dilma: Temer diz nao ser responsável por resultados negativos” (Folha de S. Paulo, 02 jun. 2016. Poder, p. A5) – Discurso da Personificação G: O País – “O presidente interino, Michel Temer, endureceu o discurso, pela primeira vez, reclamando da herança que recebeu da petista Dilma Rousseff, afastada há três semanas da Presidência. Durante cerimônia de posse coletiva no Palácio do Planalto, Temer disse ontem que erros foram cometidos, levando o país a uma grave crise econômica. Citou o desemprego de 11 milhões de pessoas e o déficit de 170 bilhões.” (O Globo, 02 jun. 2016. O País, p. 8) – Discurso da Personificação G: Opinião – Título da matéria: PIB e desemprego clamam pelas reformas “Temer precisa acelerar mudanças já anunciadas para retirar o Estado do caminho da insolvência , a fim de que volte a confiança de investidores e consumidores.” (O Globo, 02 jun. 2016. Opinião, p. 20) – Discurso do Mercado
	05/06/2016	G: Rio – Título da matéria: Legado Dilma “Para Marcelo Neri, responsável pela pesquisa, a redução do consumo das famílias – principal vilão da economia brasileira no começo de 2016 – se deu mais pela alta da desigualdade e pelo medo de perda de emprego do que pelo impacto direto do desemprego.” (O Globo, 01 jun. 2016. Economia, p. 20) – Discurso do Mercado

Período que antecedeu a votação pelo impeachment de Dilma Rousseff no Senado	10/06/2016	F: A2 Opinião – “É preciso, pois, assegurar condições para uma redução substancial da Selic, a taxa básica da economia. Diversos fatores apontam para juros mais baixos: a inflação aos poucos dá sinais de arrefecimento, o crédito está contraído, os salários não sobem ou até diminuem, o desemprego atinge níveis bastante elevados.” (Folha de S. Paulo, 10 jun. 2016. Opinião, p. A2) – Discurso do Mercado
	12/06/2016	G: Economia – “Na economia, o desrespeito à estabilidade fiscal produz, como reflexo, a crise que o país vive hoje, com recessão, inflação e desemprego.” (O Globo, 12 jun. 2016. Economia, p. 30) – Discurso do Mercado
	13/06/2016	F: A4 Opinião – “Agora mesmo, nos gabinetes do congresso, o que já se ouve são reclamações sobre a ideia de limitar o crescimento dos gastos. Cada um querendo preservar sua área de cortes. Deveriam olhar para o rombo deste ano e pensar um pouco mais. Enfim, esta turma precisa encarar a realidade de terra arrasada deixada pela administração petista. Não dá mais para viver no mundo dos sonhos enquanto o desemprego cresce. É hora de falar sério.” (Folha de S. Paulo, 13 jun. 2016. Opinião, p. A4) – Discurso do Extraordinário
	19/06/2016	F: A2 Opinião – “Além disso, é crucial implementar de imediato um plano de reforma administrativa, de revisão de programas e de aumento de eficiência. Não se pode aceitar, sem mais, a atual e arqueológica estrutura da máquina. Também cumpre reavaliar isenções de impostos e subsídios, inflados irracionalmente no governo Dilma Rousseff (PT).” (Folha de S. Paulo, 19 jun. 2016. Opinião, p. A2) – Discurso da Personificação G: Opinião – “E como queremos ter esperança no Brasil, se o governo de Dilma Rousseff e do PT, o partido fundado para defender o povo pobre, deixa o poder com taxa de desemprego de 12%;[...]” (O Globo, 19 jun. 2016. Opinião, p. 15) – Discurso da Personificação
	20/06/2016	F: A3 Opinião – “Mantido o regime jurídico vigente, aos trabalhadores resta o direito ao desemprego, que uma legislação vencida ajuda a promover em meio à maior crise econômica da história do país, da qual 11 milhões de desempregados – número equivalente a população da cidade de São Paulo – são a face mais cruel.” (Folha de S. Paulo, 20 jun. 2016. Opinião, p. A3) – Discurso do Mercado F: A15 Mercado – Título da matéria: Desemprego piora distribuição de renda “Desde o início da segunda gestão Dilma Rousseff, desigualdade na força de trabalho aumentou quase 3%” (Folha de S. Paulo, 20 jun. 2016. Mercado, p. A15) – Discurso da Personificação
	22/06/2016	G: O País – “Estão no plano de Temer ainda a flexibilização das leis trabalhistas, para permitir superar a crise do desemprego no país, e também a reforma política, que ele acredita ser possível aprovar sem fazer grandes malabarismos[...]” (O Globo, 22 jun. 2016. O País, p. 4) – Discurso da Personificação
	30/06/2016	F: A6 Poder – Título da matéria: Temer dá aumento ao Bolsa família maior que o prometido por Dilma “O peemedebista (<i>Temer</i>) decidiu fazer o anúncio no mesmo dia em que foram divulgados dados sobre o aumento da taxa de desemprego no país. Segundo o IBGE, o percentual ficou em 11,2% no trimestre de março a maio. [...]” (Folha de S. Paulo, 30 jun. 2016. Poder, p. A6) – Discurso da Personificação
	01/07/2016	G: Economia – “ – A coisa mais desagradável é você ouvir, como governante, que há mais de 11 milhões de desempregados. Uma das experiências desagradáveis, e eu pude ouvir, foi de pessoas que encontraram famílias inteiras desempregadas – disse Temer. – Para ter emprego é preciso que a iniciativa privada aja, tenha sucesso na atuação. Só vai ter emprego se os setores produtivos funcionarem. Mas os setores não são apenas os guiados pelos empresários, eles são a composição <u>harmoniosa</u> entre empresários e trabalhadores.” (O Globo, 01 jul. 2016. Economia, p. 19) – Discurso do Mercado
	02/07/2016	F: A2 Opinião – “[...] a política escolhida (<i>por Dilma</i>) desatou o terror do desemprego e derrubou a renda dos empregados.” (Folha de S. Paulo, 02 jul.

Período que antecedeu a votação pelo impeachment de Dilma Rousseff no Senado		2016. Opinião, p. A2) – Discurso da Personificação F: A3 Opinião – “ <u>Cansamos</u> de ouvir apoiadores de Dilma asseverarem que ela foi afastada por fatos “desimportantes”. Pura falácia! A irresponsabilidade econômica e fiscal do governo petista impactou a vida de cada um dos 200 milhões de brasileiros. Provocou recessão, desemprego, atraso e descrédito do Brasil com os investidores estrangeiros.” (Folha de S. Paulo, 02 jul. 2016. Opinião, p. A3, grifo nosso) – Discurso do Extraordinário/ Personificação
	03/07/2016	G: Economia – “Alguns indicadores começam a melhorar. A produção industrial mostrou estabilidade, depois de dois meses de recuperação, produzindo o melhor trimestre desde 2012. O desemprego permanece alto, mas a última pesquisa do IBGE captou uma desaceleração das demissões. A confiança das empresas e consumidores tem tido discretas melhoras.” (O Globo, 03 jul. 2016. Economia, p. 30) – Discurso do Mercado
	10/07/2016	F: A21 Mercado – Título da matéria: Entrevista Michel Temer: Governo não é só para fazer restrições e impedir gastos. “Folha: Mas o desemprego... Temer: Quanto tempo vai demorar para você reduzir sensivelmente o desemprego, eu não saberia dizer. O que tenho de fazer, como governante, é produzir atos para combater o desemprego. No começo do ano que vem começamos a ter resultados” (Folha de S. Paulo, 10 jul. 2016. Mercado, p. A21) – Discurso da Personificação/ Mercado
	13/07/2016	G: Economia – “Mas o que Sérgio Vale alerta é que o desemprego vai piorar antes de começar a melhorar e levará mais tempo para se recuperar. Ele acha que a taxa de desocupação pode chegar a 13% em 2016, cair para 8,5% no final do ano que vem, fechando 2018 em 6%.” (O Globo, 13 jul. 2016. Economia, p. 24) – Discurso do Mercado
	17/07/2016	F: A2 Opinião – Título da matéria: Otimismo cauteloso “Acumulam-se sinais de que após dois longos anos, a recessão que assola o país esteja próxima do fim. Com o impulso de <u>fatores externos e domésticos</u> , a confiança de empresários e consumidores ganha corpo e prenuncia tempos melhores adiante.” (Folha de S. Paulo, 17 jul. 2016. Opinião, p. A2, grifo nosso) – Discurso do Mercado F: A4 Poder – Título da matéria: Otimismo com economia tem melhor patamar desde 2014. “Brasileiros estão confinantes em relação à inflação e ao desemprego.” (Folha de S. Paulo, 17 jul. 2016. Poder, p. A4, grifo nosso) – Discurso do Mercado G: O País – Título da matéria: Datafolha: Cresce otimismo com a economia “Pesquisa também mostra que entrevistados preferem Michel Temer na Presidência à volta de Dilma.” “A confiança dos entrevistados está associada à queda da inflação, à diminuição do risco de desemprego e ao aumento do poder de compra. É o maior índice de otimismo medido pelo instituto desde dezembro de 2014.” (O Globo, 13 jul. 2016. Economia, p. 24) – Discurso do Mercado
	24/07/2016	F: A3 Opinião – Título da matéria: Construindo a nossa paz. Matéria escrita por Michel Temer “A primeira condição para se almejar a cidadania é o emprego. Combater, pois, o desemprego que afeta quase 12 milhões de brasileiros é a meta prioritária a que me proponho, como presidente em exercício, para reinserir o país no rumo certo.” (Folha de S. Paulo, 24 jul. 2016. Opinião, p. A3) – Discurso da Personificação

Período que antecedeu a votação pelo impeachment de Dilma Rousseff no Senado	29/07/2016	G: Economia – “Hoje, o IBGE divulga os dados do desemprego do trimestre encerrado em junho, pela Pnad, e a expectativa de vários economistas de mercado é que o número fique estável em 11,2%. Mas como a perda de vagas divulgadas pelo Caged na quarta-feira veio pior do que o esperado, não será surpresa se a taxa de desocupação também surpreender e continuar subindo. (O Globo, 29 jul. 2016. Economia, p. 20) – Discurso do Mercado
	30/07/2016	G: Economia – Título da matéria: Desemprego é recorde, e renda cai 4,2% “Número de desocupados cresce em 3,2 milhões, e mais um milhão perdem vaga com carteira” “A taxa de desemprego chegou a 11,3% a maior desde o início de 2012, quando o IBGE começou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) Contínua.” (O Globo, 30 jul. 2016. Economia, p. 32) – Discurso do Extraordinário
	05/08/2016	F: A8 Poder – “Produzir déficit e inflação é um bom jeito de ser fraterno. É uma pena que assim, as pessoas se tornem menos livres e iguais. Vai ver é por isso que todo esquerdismo termina sempre em ditadura ou populismo. No segundo caso, no pós-populismo, vêm recessão, desemprego e mais pobreza.” (Folha de S. Paulo, 05 ago. 2016. Poder, p. A8) – Discurso do Extraordinário
	08/08/2016	F: A4 Opinião – “Temos vários exemplos de como não merecemos nem uma medalha de bronze. País em recessão, saúde falindo, insegurança, classe política em descrédito, desemprego elevado e rombo nas contas públicas.” (Folha de S. Paulo, 08 ago. 2016. Opinião, p. A4) – Discurso do Extraordinário
	14/08/2016	F: SQ4 Mercado – “Apesar dos pequenos brotos verdes aqui e ali, a economia está em uma recessão de uns 5%. O mercado de trabalho deve continuar a piorar até o fim de 2017.” (Folha de S. Paulo, 14 ago. 2016. Mercado, p. SQ4) – Discurso do Mercado
	21/08/2016	G: Opinião – “Temer completou cem dias de governo e até agora nada fez para minimizar o desemprego no país. Aumentou os salários do funcionalismo público sem se preocupar com a diminuição de arrecadação dos impostos. Temer não incentivou empreendimentos, nem iniciou a urgente reforma política. Não se tem motivo para saudar essa gestão peemedebista. Os problemas criados pelos petistas ainda assombram a sociedade.” (O Globo, 21 ago. 2016. Opinião, p. 17) – Discurso da Personificação
	22/08/2016	G: Opinião – “E que os senadores não falem ao país e a seus cidadãos, não frustrem nossas esperanças e sacramentem o impeachment de Dilma. Só assim teremos a grande oportunidade de recuperarmos o estrago que o PT e Dilma fizeram na economia, com inflação e desemprego, e na imagem de nosso país.” (O Globo, 22 ago. 2016. Opinião, p. 11) – Discurso da Personificação
	28/08/2016	G: Opinião – “Rombo em contas públicas, pedaladas, Petrobras dilapidada, recessão econômica, inflação corroendo salários e desemprego acima de dois dígitos. Por que Dilma quer reassumir o cargo? Para voltar a reproduzir metodologias antigas e se lambuzar?” (O Globo, 28 ago. 2016. Opinião, p. 15) – Discurso da Personificação
Dia em que Senado votou o impeachment de Dilma	30/08/2016	G: O País – Título da Matéria: Economia na UTI: Era Dilma é marcada por rombo fiscal e recessão “Inflação supera 10%, desemprego atinge 11,6 milhões de brasileiros e renda cai” (O Globo, 30 ago. 2016. O País, p. 11) – Discurso da Personificação
	31/08/2016	

FONTE: Elaboração própria com base em:

<<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=desemprego+dilma&anyword=&no word=&exactword=&decadaSelecionada=2010&anoSelecionado=2016>>. Acesso em: Jan. a Abr. 2017; e

<<http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/?q=desemprego+dilma&site=&periodo=acervo&x=20&y=14>> Acesso em: Jan. a Abr. 2017
